

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - UAHG  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA

EQUADOR: MITOS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

ISMERINA DO NASCIMENTO

ORIENTADOR: PROFº DR. ANTÔNIO CLARINDO BARBOSA DE SOUZA

CAMPINA GRANDE / OUTUBRO  
2006

*Ismerina do Nascimento*

EQUADOR: MITOS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

*Monografia apresentada ao curso de Especialização em Historiografia e Ensino de História na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, sob a orientação do professor Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza para cumprimento das exigências curriculares do referido curso.*

Campina Grande  
Outubro de 2006



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

*Ismerina do Nascimento*

EQUADOR: MITOS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /2006

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza  
*Orientador*

Nota

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Luíra Freire Monteiro  
*Examinadora*

Nota

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento  
*Examinadora*

## **EQUADOR: MITOS, MEMORIAS E HISTÓRIAS**

**AUTORA:** Ismerina do Nascimento – Especialização de História – UFCG

**ORIENTADOR:** Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza

**EXAMINADORES:** Ms. Luíra Freire Monteiro

Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento

### **RESUMO**

O Ensino de História hoje consiste em um importante meio de formação de consciência para o exercício da cidadania. Para tanto se faz necessário criar meios que possibilitem ao aluno a descoberta desse ser cidadão. Em nossa pesquisa buscamos a construção de uma trama histórica para o município de Equador – RN a partir de uma experiência pedagógica de ensino ao mesmo tempo em que também objetivamos a produção de um material didático de pesquisa para professores e alunos da rede municipal de ensino. Para tanto, adotamos como linha de pesquisa a Memória e como método a utilização de relatos orais de memória onde priorizamos as pessoas mais velhas da comunidade como colaboradoras da pesquisa. Tendo em vista tratar-se de um trabalho de produção de fontes para o ensino de História, também contamos com a colaboração de alunos do Ensino Fundamental que realizaram o trabalho de coleta de dados a partir da utilização do patrimônio histórico local. Para orientação dos fundamentos teóricos buscamos respaldo nas idéias defendidas por Paul Thompson, Ecléa Bosi, A. T. Montenegro, Hebe de Castro, Conceição Cabrini, José Carlos Sebe Bom Meihy, e outros que realizaram trabalhos voltados para essa vertente. Finalizando a pesquisa, alcançamos nosso objetivo proposto na medida em que foi possível a produção do referido material para o ensino de história local.

**PALAVRAS – CHAVES:** Ensino de História – Memória – História Local

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
CAPÍTULO I: METODOLOGIA DA REALIZAÇÃO DO TRABALHO .....	9
1.1 – Caminhos da História: a trilha na busca do conhecimento .....	9
CAPÍTULO II: A AMPLIAÇÃO DAS FONTES NO ENSINO DE HISTÓRIA .....	14
2.1 – Memória e fontes orais .....	14
2.2 – A importância do Patrimônio no Ensino de História .....	19
2.3 – A fotografia como testemunho imagético .....	21
2.4 – A história além dos muros da escola .....	23
CAPÍTULO III: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS QUE O POVO CONTA... E OUVI .....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	47
ACERVOS FOTOGRÁFICOS .....	50
COLABORADORES DA PESQUISA.....	51
ANEXOS .....	52

*“A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas, haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória”.*

*Ecléa Bósi*

## DEDICATÓRIA

*Mais uma vez me sinto grata a Deus pela vida, mas não posso deixar de também agradecer a quem me gerou, me pôs no mundo e me proporcionou aquilo que não lhe foi dada a oportunidade de conhecer: o saber. É com eterna gratidão que dedico esse trabalho a minha querida MÃE Luzia.*



## AGRADECIMENTOS

*A Deus, pela vida.*

*A minha Mãe por ter me ajudado a chegar onde muitos tentam e desejam mas poucos conseguem.*

*A meu orientador Antônio Clarindo que com sua sabedoria e competência dividiu comigo uma parte de seu imenso conhecimento.*

*A minha adorável amiga Rosineide e seu esposo Einstein que me acolheram em sua residência durante todo curso e me deram todo apoio necessário.*

*Aos amigos que conheci nesse novo espaço de conhecimento que sempre me deram força para enfrentar as dificuldades.*

*Aos moradores da cidade de Equador que atuaram como colaboradores da pesquisa se dispondo a dividir suas experiências e conhecimento, possibilitando assim a produção desse trabalho.*

*A meus alunos de 5ª e 6ª série do Ensino fundamental que também atuaram como colaboradores da pesquisa e tiveram sua primeira experiência como pesquisadores.*

*A todos aqueles que se fizeram presentes nos momentos de alegrias e de angústias e me incentivaram a seguir em frente...*

*Meu muito obrigada!*

## INTRODUÇÃO

O município de Equador – RN, como tantos outros, tem seu mito de origem, segundo relatos tradicionais, ligados à religiosidade, no caso específico, uma promessa a São Sebastião e a construção de uma capela. Iniciando seu povoamento em torno de uma grande fazenda e da atividade agrícola, o referido povoado tem sua formação na segunda metade do século XIX e é elevado à categoria de município em 1963. Dessa forma, ultrapassa um século de sua existência e chega aos dias de hoje como uma cidade que tem sua cultura construída ao longo do tempo fazendo-se necessário conhecê-la e registrá-la.

Esta pesquisa surgiu a partir de uma experiência pedagógica de trabalho com a história local desenvolvida na Escola Municipal Presidente Costa e Silva com alunos de 5ª e 6ª série do Ensino Fundamental. Partindo do pressuposto de que devemos priorizar nossas raízes históricas, sentimos a necessidade de buscar meios para ajudar a construir uma trama histórica para o referido município. Para tanto, se fez necessário à busca de informações que possibilitassem a produção do conhecimento acerca da História local. Nessa perspectiva, buscamos realizar a construção de uma narrativa histórica voltada para a cultura local, visando a produção de um material pedagógico de pesquisa para professores e alunos da rede municipal de ensino.

Tendo em vista a limitação da documentação, buscamos realizar um trabalho de coleta de dados utilizando variados tipos de fontes. Utilizamos relatos orais de memória em que foi priorizada a memória de membros da comunidade. Também nos apropriamos do patrimônio local, lugares que têm uma memória histórica e que contribuíram para a aquisição dos conhecimentos dos quais necessitávamos, tais como: casas, prédios, lugares, ruas e igrejas. Ainda nos apropriamos de documentos escritos (cartas, programas de festas, leis e arquivos da paróquia) e fotografias.

Acreditamos que a História exerça um papel determinante para a compreensão das atividades humanas e proporcione meios para interferir na condução dessas ações. No entanto, o historiador necessita de procedimentos para a construção do conhecimento histórico. Na realização deste trabalho os procedimentos adotados em sua maior parte estão voltados para os relatos orais de memória onde nos apropriamos da memória social através de sujeitos que atuaram como colaboradores da pesquisa. Os depoimentos coletados foram utilizados para a interação de um diálogo entre eles e a História Oficial. Dessa forma, as entrevistas foram

utilizadas como ponto de partida para a execução do trabalho que foi seguida de outros métodos que serão apresentados no decorrer do trabalho.

Assim sendo, os capítulos estão apresentados na seguinte ordem:

No capítulo I apresentamos a metodologia do trabalho, como foram realizadas as várias etapas da pesquisa, os métodos adotados para a produção das fontes e o trabalho com elas assim como as dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa.

O capítulo II é uma reflexão teórica a cerca dos métodos utilizados na pesquisa onde fazemos uma discussão do nosso objeto de estudo baseada nos fundamentos de diversos autores que trabalham com essa vertente historiográfica.

No capítulo III apresentamos a narrativa histórica produzida com base nos relatos orais de memória da comunidade acompanhada das imagens dos prédios e lugares históricos do município e com a descrição de cada local feita pelos alunos que participaram da pesquisa.

Para finalizarmos o nosso trabalho, fazemos uma demonstração de algumas entrevistas que foram realizadas com os moradores mais antigos da cidade que colaboraram na coleta de informações.

## CAPÍTULO I – METODOLOGIA DA REALIZAÇÃO DO TRABALHO

### 1.1 - Caminhos da História: a trilha na busca do conhecimento

Na realização desse trabalho, nossa maior preocupação teórica foi com relação entre passado e presente através da memória do cotidiano e dos lugares. Tomando como referência os relatos orais de memória, nos foi possível a produção das fontes tendo em vista que objetivamos trabalhar com a memória da comunidade. Assim, o método oral é utilizado para a coleta de informações acerca dos acontecimentos.

Ao optarmos pelos relatos orais consideramos que estes nos possibilitariam a construção de fontes que até então ainda não teriam sido exploradas. Dessa forma nos foi possível a revelação de novos campos de investigação onde buscamos na experiência das pessoas que fizeram e vivenciaram a história do lugar, uma democratização do conhecimento através das versões até então desconhecidas. Na utilização desse método, THOMPSON afirma que, *“a história amplia-se e enriquece o próprio campo de ação da produção histórica com a abertura de novas áreas para ela reconhecendo grupos de pessoas importantes até então ignoradas”*.<sup>1</sup>

No trabalho com os relatos orais de memória, elegemos as pessoas mais velhas da comunidade e, sobretudo, aquelas pessoas nascidas nas décadas de 20, 30 e 40 que viveram as experiências do dia-a-dia nas décadas de 50, 60 e 70, período em que o município deixa de ser Distrito e passa a cidade através de sua Emancipação Política. Estas foram selecionadas de acordo com sua inserção na sociedade levando em consideração as afinidades com os temas propostos e considerando que o lembrar individual está relacionado com a inserção social e histórica de cada indivíduo. Também contamos com a colaboração de pessoas que, embora não se enquadrassem nessa temporalidade citada, tinham conhecimento de fatos importantes e apresentaram sua parcela de contribuição.

Foram abordados temas como festas, religiosidade, política, histórias do cotidiano, questões relacionadas ao povoamento, mitos de origem, entre outras que foram surgindo no decorrer das entrevistas.

---

<sup>1</sup> MONTENEGRO, A. T.. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada* – 3ª Edição. São Paulo: Contexto, 1994, P. 28.

Na perspectiva de realizar um trabalho voltado para a memória local, nos apropriamos dos fundamentos teóricos de HALBWACHS. Este defende a idéia de que a memória resulta da interação social do indivíduo com o meio. Para ele a memória aparentemente particular remete a um grupo onde o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. Dessa forma, ela é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências e experiências ocorridas no passado e é no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças. <sup>2</sup>

No intuito de integrar essa lembrança do particular dos depoentes com a história local, elaboramos entrevistas que possibilitassem ao entrevistado relatar suas experiências de vida relacionando-as com os acontecimentos sociais da época a que se reporta.

A referida pesquisa baseou-se em entrevistas semi-estruturadas para a coleta de evidências orais, a utilização de fotografias antigas, visita ao patrimônio arquitetônico local e para complementar os dados também utilizamos alguns documentos escritos. Foram entrevistadas 14 pessoas, 9 delas residentes no município desde os anos 50 e 60 que se dispuseram a colaborar com a pesquisa.

Ao fazer o convite para participar do trabalho, passamos por várias situações. Algumas pessoas consideravam-se incapazes de participar devido a sua escolaridade, outras não aceitavam porque não queriam se expor, enquanto outras não deram nem resposta, no entanto, foi possível formar o grupo que se colocou ao inteiro dispor para contribuir com as informações necessárias e que percebeu a importância que suas experiências tinham para a realização do trabalho. Além disso, também foi possível observar que o fato de ser entrevistado para algumas pessoas representou um reconhecimento, foi um momento que proporcionou a elas um sentimento de importância e de utilidade.

No decorrer da realização das entrevistas novos depoentes eram apontados pelos entrevistados, possibilitando assim a ampliação dos contatos para a efetivação destas. A maioria das entrevistas foi realizada na casa dos depoentes e isso possibilitou o acesso a fotografias das famílias também como fontes para a construção do conhecimento histórico. No trabalho com as imagens fotográficas buscamos perceber os fatos que não aparecem nos documentos escritos como as manifestações culturais, as festas e momentos considerados importantes para o depoente. Também a importância que alguns momentos registrados desempenham na vida do depoente e da comunidade tendo em vista que a fotografia abriga “a

---

<sup>2</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

*materialização da experiência vivida, a doce lembrança do passado, memórias de uma trajetória de vida, flagrantes sensacionais, ou ainda, mensagens codificadas em signos”.*<sup>3</sup>

Nesse sentido, buscamos combinar a coleta de memórias orais e fotografias de famílias como um retorno ao passado no intuito de rememorar os fatos através da leitura delas. Ainda foi possível observar que o fato de estar em sua própria casa, contribuiu muito para que o entrevistado pudesse se sentir à vontade para relatar suas experiências, recordações e até se emocionar tornando a entrevista um momento de descontração e lazer. Para THOMPSON, o lugar em que é realizada a entrevista pode influenciar na mensagem transmitida pelo depoente e isso se tornou visível quando observamos a segurança demonstrada pelo entrevistado ao relatar os fatos assim como a importância e a seriedade com que foi tratado o momento da realização da entrevista.

No trabalho com os relatos orais, foi observado de que forma os depoentes vêem os acontecimentos sociais, políticos, econômicos e culturais do passado e do presente, levando em consideração o lugar social de onde projetam suas versões, bem como a temporalidade transcorrida entre o vivido e o narrado visto que, neste segundo, já permeiam reflexões, julgamentos e questionamentos formulados no presente.

Ao transmitir seus conhecimentos, percebemos a satisfação dos depoentes seja através das palavras ditas ou do silêncio, citando seus antepassados familiares ou amigos presentes e ausentes, lugares e acontecimentos que eram rememorados como um passado que se fazia presente naquele momento, argumentos carregados de nostalgia foram expressos pelos depoentes quando comparam, por exemplo, “as festas de antigamente” com “as de hoje” e isso nos mostrou a importância de trabalhar com “*documentos vivos que não se encontram em nossa estatística e em nenhum livro*” como cita Michelet a respeito da tradição oral.<sup>4</sup>

Ainda como campo de pesquisa e lugar de memória, utilizamos o patrimônio local. O trabalho de pesquisa com a utilização do patrimônio, foi realizado com a colaboração de alunos do Ensino Fundamental de 5ª e 6ª série, visto que, a pesquisa em discussão, consiste em, além da construção de uma narrativa histórica para o município, também em uma proposta pedagógica de trabalho. Na realização das visitas aos prédios e lugares antigos da

---

<sup>3</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion / VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro. Ed. CAMPUS, 1997 p.407.

<sup>4</sup> Para Jules Michelet, historiador francês do século XIX, a tradição oral refere-se a “tradição nacional, aquela que permaneceu espalhada na boca do povo: camponeses, velhos, crianças...” MICHELET, apud, MONTENEGRO, A. T. , *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada* – 3ª Edição. São Paulo: Contexto, 1994, P. 45, 72.

cidade e nas entrevistas com proprietários e conhecedores destes, buscamos informações que contribuíssem para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

À princípio, fizemos um estudo teórico sobre Patrimônio Histórico e trabalhamos o patrimônio brasileiro através de imagens de cidades e lugares tombados bem como sua importância enquanto lugares de memória. Em seguida, fizemos um levantamento dos prédios e lugares antigos que considerávamos importantes para a memória local. Também discutimos a função e a importância de cada um para a comunidade hoje. Dividimos as equipes de trabalho e o objeto de estudo de cada uma e partimos para as visitas. Foram feitas duas visitas aos locais da pesquisa. Na primeira, conhecemos o lugar e fizemos o registro fotográfico. Na segunda, os alunos voltaram para a coleta de dados informativos a cerca do objeto de estudo de cada equipe.

O uso da fotografia associado aos lugares também consiste em um interessante meio de trabalhar história tendo em vista que a imagem torna-se um atrativo que antecederá a leitura. Com isso, será possibilitada ao aluno a leitura do meio através dos signos não verbais e logo em seguida a produção da narrativa. Essa também é uma forma de conduzi-lo ao campo de pesquisa para a realização de suas próprias descobertas.

As visitas aos locais são recursos didáticos favoráveis ao envolvimento dos alunos em situações de estudo, estimulando interesse e participação. Propiciam contatos diretos com documentos históricos incentivando os estudantes a construir suas próprias observações, interrogações e sínteses para questões históricas e possibilitam debates sobre a preservação da memória de qualquer grupo social.

No decorrer da pesquisa, muitas foram as dificuldades enfrentadas visto que tratava-se de um trabalho desenvolvido por crianças de faixa etária entre 12 e 15 anos que não tinham experiência suficiente para dialogar com os depoentes e elaborar questionamentos espontâneos. Contudo, eles partiram para o campo de pesquisa e coletaram o que foi possível. Muitos retornaram duas ou três vezes para complementar as informações e, concluída a coleta, produziram a narrativa a cerca do objeto de estudo.

Numa data determinada, foram apresentados os trabalhos na sala de aula e foi aí que aconteceu o mais interessante: a descoberta da história dos lugares pesquisados, muitas até desconhecidas pelos alunos para surpresa deles. Fizemos uma discussão sobre o significado e a importância do patrimônio para a preservação e divulgação da memória histórica local. O que permaneceu e o que mudou em cada lugar; o que ameaça esses lugares de memória e o que podemos fazer para que eles não percam seus laços afetivos de identidade.

Dessa forma, foi possível constatar a importância de trabalhar o real, o material, o concreto e o visível com o aluno. Dar a oportunidade para que ele se sinta agente ativo do processo histórico, fazendo com que passe a conhecer a importância da história que não se faz presente nos livros didáticos nem nos discursos oficiais, mas no cotidiano, nas relações diárias, no fazer de cada um. Que para a construção do conhecimento histórico, se faz necessário um referencial e este pode estar presente no cotidiano das pessoas, no fazer delas, necessitando apenas ser percebido por elas.



## Capítulo II – A ampliação das fontes no ensino de História

### 2.1 – Memória e fontes orais

Etimologicamente ‘recordar’ vem de re + cordis (coração), significando literalmente, “trazer de novo ao coração algo que, devido à ação do tempo, tenha ficado esquecido em algum lugar da memória”.

Um trabalho com memórias objetiva resgatar um passado, a partir das lembranças de pessoas que viveram esse passado que na época era tempo vivido. Ele consiste no resultado de um encontro, no qual as experiências de uma geração anterior são trazidas à lembrança e repassadas para uma outra, dando assim continuidade ao curso da História que é de ambas; porque a história de cada indivíduo traz em si mesma a memória do grupo social ao qual pertence, pois *“a memória é um processo social dinâmico valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados ainda que esteja sempre moldada de diversas formas pelo meio social...”*.<sup>5</sup> Contudo, *“o indivíduo só se explica na vida comunitária”*.<sup>6</sup>

É esse resgate das lembranças de pessoas mais velhas passadas continuamente às gerações mais novas por meio de palavras e gestos, que liga os moradores de um lugar. O fato de entender que a história de alguém mais velho é nossa própria história desperta o sentimento de pertencer a determinado lugar e a certa época, nos ajuda a aumentar a percepção de um passado que foi vivido e não desapareceu com o passar do tempo.

A história da memória é longa e tem suas raízes nos poetas gregos, que, para imortalizar seus heróis procuravam vencer a morte ou o esquecimento por meio de versos gravados na memória. Protetora das artes e da história, musa da poesia épica, Mnemósine era a deusa da memória grega que concedia imortalidade aos mortais. Ela dava aos poetas o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade. O humano que tivesse registrado em obras a fisionomia, os gestos, os feitos e as palavras nunca seria esquecido pois, ao tornar-se memorável, não morreria jamais.

No contexto mítico, recordar significa resgatar um momento originário e torná-lo eterno em contraposição à nossa experiência ordinária do tempo como algo que passa, que

---

<sup>5</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral* - 5ª Edição. São Paulo: Loyola, 2005, p. 79.

<sup>6</sup> Idem.

escoa e que se perde. A recordação, como resgate do tempo, confere imortalidade àquilo que ordinariamente estaria perdido de modo irrecuperável sem esta re-atualização.<sup>7</sup>

Dessa forma, a memória, em sua relação com a história, constitui-se como uma forma de preservação e retenção do tempo, salvando-o do esquecimento e da perda, sendo assim suporte de identidades individuais e coletivas. A história pode ser identificada como alimento da memória e, simultaneamente, a memória pode ser tomada como uma das fontes de informação para a construção do saber histórico. Nesse caso, a história enquanto fertilizadora da memória contribui para que a sociedade encontre, através da própria história, subsídio para a construção de identidade.<sup>8</sup>

Outro aspecto importante a cerca da memória, tanto individual como coletiva, é a sua relação com os lugares. Como observa NEVES,

“Para recordar e se analisarem os processos históricos, é necessário ativar-se a construção de signos que se constituem como elementos de reavivamento mental do passado. Os lugares de memória, então, podem ser considerados como esteios da identidade social, monumentos que têm por assim dizer, a função de evitar que o presente se transforme num processo contínuo, despreendido do passado e descomprometido com o futuro”.<sup>9</sup>

As memórias dos grupos também se referenciam nos espaços em que habitam e nas relações que constroem neles. Por isso, os lugares de vivência também constituem importante referência de lembranças para os indivíduos visto que eles são testemunhas de mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.

A historiografia de um lugar tem relação expressiva com o contexto social em que foi produzida. Ao utilizarmos a memória dos velhos e dos novos, dos acontecimentos passados e presentes, podemos proporcionar um encontro de idéias que abrirão caminhos para o questionamento de fatos e verdades até então adotadas como únicas. Nesse sentido deve-se considerar a memória dessas pessoas como uma importante fonte na qual podemos obter conhecimentos até então desconhecidos e ignorados, mas que podem ser registrados através da oralidade.

Ouvir e aprender com os mais velhos eram práticas comuns do passado. No entanto, a partir dos anos 50, surge nos Estados Unidos o método da História Oral, associado ao uso do

<sup>7</sup> O lugar mítico da memória, publicado na revista *Morpheus*, 2002.

<sup>8</sup> NEVES, Lucília de Almeida. *Memória, história e sujeito: substratos da identidade*. In: *História Oral: revista da Associação Brasileira de História Oral*, Nº 3, jun. 2000. São Paulo: ISNN – GRANFEST Editora.

<sup>9</sup> *Idem*, p.112.

gravador, para conhecer as experiências dos ex-combatentes de guerra, familiares e vítimas da Segunda Guerra através de relatos orais. No Brasil, a História Oral chega em 1973 quando foi criado o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas que buscava, através de relatos orais, pensar o Brasil daquele período. No entanto, somente nos anos 90 ela experimentou uma expansão mais significativa.<sup>10</sup>

De acordo com CASTRO, o uso do método da História Oral tem sido um importante meio para dar voz às pessoas comuns. A utilização desse método propõe reunir e sistematizar imaginários não no intuito de reconstituir fatos passados e presentes como verdades históricas, mas como a tentativa de captar o que existe preservado na memória da população.<sup>11</sup>

Os relatos orais nos proporcionam conhecer os costumes, os comportamentos e o cotidiano que serão trazidos até nós através da fala. Esta, transporta-nos a tempos e lugares de práticas e discursos que nos possibilitam a compreensão do individual e do coletivo.

De acordo com MONTENEGRO,

“A descoberta e a apropriação da fala resultam num processo de interiorização e transformação do imaginário popular que se reconhece, que se redesenha em um outro lugar da sociedade.”<sup>12</sup>

Nesse sentido, THOMPSON também mostra a importância que os relatos orais têm no sentido do uso da fala apontando ser um meio de “*fazer com que as pessoas comuns confiem em sua própria fala*”<sup>13</sup>. Dessa forma eles consistem em um meio de inserção social das pessoas menos privilegiadas, em especial, os idosos, guardiões da memória social que têm suas experiências desperdiçadas por falta de registros.

Ainda nesse contexto, THOMPSON argumenta que a história oral

“Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro dela. Ajuda aos menos privilegiados,

<sup>10</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Meihy. , SANTOS, Andréa Paula, RIBEIRO, SUZANA L. S. *Vozes da marcha pela terra*. São Paulo, Loyola, 1998.

<sup>11</sup> CASTRO, Hebe. *História Social*, In: Ciro Flamarion Cardoso / VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

<sup>12</sup> MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada – 3ª Edição*. São Paulo: Contexto, 1994, p. 40.

<sup>13</sup> THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 42.

especialmente os idosos, a conquistar dignidade e confiança. Pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época”.<sup>14</sup>

Contudo, não podemos esperar que o relato de experiências e conhecimentos traga consigo todos os fatos ocorridos e que desejamos obter, pois é comum que o sujeito faça uma seleção dos fatos significativos para ele e que o mesmo julgou dignos de permanecer na memória.

“Toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração e seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si. Convém lembrar que, por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, cada vez que são recontadas, carregam diferenças significativas”.<sup>15</sup>

Nesse sentido, a narrativa, por ser uma construção baseada em referentes do passado, tenderá a ter seus argumentos comuns, no entanto, sempre que surgem tem sua própria interpretação, seu sentido próprio e por isso todos os fatos deverão ser considerados importantes uma vez que terão seu lugar na história.

Durante séculos a história que interessava aos historiadores era aquela que oferecia uma visão centrada nos grandes acontecimentos, nos grandes vultos, enquanto que o resto da humanidade era relegado a segundo plano da história. Porém, a partir do século XIX com o advento da Nova História, as preocupações dos estudiosos passaram a se voltar para uma “História vista de baixo”, na qual foi inserida a visão das pessoas comuns, aquelas tratadas como anônimas pela história oficial.

Em meio a essa preocupação encontram-se BLOCH e FEBVRE, precursores da oposição a uma historiografia factualista, centrada nas idéias e decisões de grandes homens e propunha uma história-problema, interdisciplinar, com abertura para as demais ciências humanas. Dessa forma o intenso intercâmbio com a Antropologia<sup>16</sup> permitiu transformar mitos, rituais e imagens em fontes históricas.

Do ponto de vista de Clifford GEERTZ, sob a influência da Antropologia interpretativa, não apenas as representações, mas também as ações são passíveis de serem

---

<sup>14</sup>Cf. Idem, p. 44.

<sup>15</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral* - 5ª Edição. São Paulo: Loyola, 2005, p. 56.

<sup>16</sup> Esta ciência, a partir de meados do século XIX, deu atenção a novos temas como família, o modo de pensar, os mitos, o cotidiano, o privado e o individual.

culturalmente interpretadas, o que determina um especial interesse do ponto de vista da análise social.<sup>17</sup>

O conteúdo e a estrutura da História Nova subvertem não só o domínio tradicional da história, mas também o das novas ciências humanas e inclusive, sem dúvida, todo o campo de saber.

“Repensar os acontecimentos e as crises em função dos movimentos lentos e profundos da história, interessar-se menos pelas individualidades de primeiro plano do que pelos grupos sociais que constituem a grande maioria dos atores menos exibidos, porém mais efetivos da história, preferir a história das realidades concretas – materiais e mentais – da vida cotidiana, dos fatos que se apossam das manchetes efêmeras dos jornais, não é apenas obrigar o historiador a olhar para o sociólogo, o etnólogo, o economista, o psicólogo, etc., é também metamorfosear a memória coletiva dos homens e obrigar o conjunto das ciências sociais e dos saberes a situar-se em outra duração, conforme outra concepção do mundo e de sua evolução”.<sup>18</sup>

Mais ainda:

“A história nova ampliou o campo de documento histórico. Ela substituiu a história fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta, são, para a história nova, documentos de primeira ordem”.<sup>19</sup>

Essa mudança foi de grande importância para a produção do conhecimento histórico visto que é no cotidiano que se concretizam os aspectos essenciais de uma sociedade e onde os indivíduos mostram suas decisões relacionadas aos valores, aos padrões e aos conflitos vividos pelo grupo no qual estão inseridos. Dessa forma, nos voltamos para o cotidiano objetivando fazer uma produção voltada para aqueles a quem durante muito tempo “foi destinado um papel secundário no drama da história.”<sup>20</sup>

<sup>17</sup> GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa : por uma teoria interpretativa da cultura”. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara / kagan, 1989.

<sup>18</sup> LE GOFF, Jacques. *A história nova* / [sob nova direção]; Roger Chartier, Jacques Revel: tradução Eduardo Brandão – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 15-16.

<sup>19</sup> Idem, p. 28.

<sup>20</sup> BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 12.

Também como suporte da memória e campo histórico, podemos classificar o Patrimônio histórico arquitetônico. Este, quando utilizado como fonte histórica, torna-se um importante e interessante meio de informação, tendo em vista sua materialidade.

## 2.2 - A importância do Patrimônio para o ensino de História

Patrimônio: Pater e Nomos. São vocábulos, a partir dos quais se compõe a palavra Patrimônio. Pater designa tanto o chefe da família de avós na esfera restrita, quanto o fundador, o criador ou os antepassados, no sentido social amplo. Nomos, termo que em grego e em latim significa lei, costumes e valores ou então o conto destinado a louvar os deuses ou celebrar certos acontecimentos. Daí a compreensão que o patrimônio toma para nós que é proporcionar nosso contato com as origens que fundaram o corpo social e a comunidade ética a qual pertencemos. Como resultado de uma dialética entre o homem e seu meio, ele é constituído por tudo que nos liga ao passado.

De acordo com a Carta de Veneza<sup>21</sup>:

“Patrimônio histórico são bens culturais móveis e imóveis, é a expressão cultural de uma sociedade que se reflete numa diversidade de formas e maneiras. O folclore, a literatura, as festas e as tradições regionais, assim como a construção civil, quer pública ou privada, destinadas tanto ao trabalho quanto à moradia, de ricos ou de pobres, são referenciais como expressões culturais de um povo. As edificações do passado representam bens materiais na identidade cultural de uma localidade, de uma nação e revestem-se da função de ‘monumento inseparável da história de que é testemunho e do momento que o situa’ ”.<sup>22</sup>

Assim, o monumento é inseparável do meio no qual ele se situa e da história da qual é testemunho. Reconhe-se então, tanto o valor monumental dos grandes conjuntos arquitetônicos quanto o das obras modestas que com o tempo adquiriram uma significação cultural e humana.

<sup>21</sup> Documento aprovado em Veneza durante o II Congresso de Arquitetos e Técnicos dos monumentos históricos e publicado pelo ICOMOS, em 1996.

<sup>22</sup> CARTA DE VENEZA. Maio de 1964. *Carta Internacional sobre a Conservação e Restauração dos Monumentos e Sítios*. Tradução: Suzanna Cruz Sampaio (ICOMOS / SP – 1989).



Foto 1: Conjunto arquitetônico do Recife Antigo



Foto 2: Casarão antigo da cidade de Equador

Objetos aparentemente banais trazem consigo uma infinidade de experiências sociais que proporcionam o conhecimento de trajetórias de vidas e sua avaliação em diferentes momentos. Assim como lugares tidos como indesejados, desprezíveis, passíveis de discriminações e não legitimados como patrimônios, também trazem consigo uma memória. Memória das relações sociais de seus habitantes que embora colocados à margem da sociedade, também tenham suas identidades construídas nesses lugares.

Dessa forma, de acordo com Marcos Silva<sup>23</sup>, o patrimônio não deve se resumir apenas ao classificado como belo, como monumento que abriga um memorial significativo apenas para um pequeno grupo, mas sim, aos lugares e/ou objetos que abrigam as múltiplas significações sociais, que abrangem as diferentes identidades, ampliando assim a noção de patrimônio e dando a oportunidade para que este seja de todos. Nesse sentido, para o ensino de história, eles são considerados elementos acessíveis aos alunos, que fazem parte do seu cotidiano e que vão passar a ser valorizados por eles a partir do momento que forem trabalhados como fontes para a produção do conhecimento histórico.

O patrimônio histórico vai além da sua face arquitetônica abrangendo os campos artísticos (músicas, pinturas, esculturas, etc.), os objetos cotidianos e materiais de diferentes arquivos, acervos bibliográficos, falas e práticas de múltiplos agentes sociais. Por isso o patrimônio histórico é tratado também como Patrimônio Cultural de uma nação ou de um povo. Independente do povo ao qual nos referimos, todos têm uma cultura que é construída nas relações sociais, no cotidiano, no saber fazer de cada um e o resultado de tudo isso se encontra armazenado na memória de velhos moradores, da arquitetura, da rica diversidade cultural contida em um determinado espaço. Por isso, se faz necessário a preservação desse patrimônio tanto em sua materialidade como em sua função social, procurando garantir o

<sup>23</sup> SILVA, Marcos A. da. *História: o prazer de ensino e pesquisa* / São Paulo: Brasiliense, 2003.

acesso a beleza, mas também preservando sua memória social e possibilitando o acesso de várias camadas sociais a essa memória.

Partindo do conhecimento do que é Patrimônio e do que é importante preservar, torna-se necessário criar meios de refletir sobre sua preservação como uma forma de manter viva a memória dos nossos antepassados. Nesse sentido, a educação pode dar uma significativa contribuição tendo em vista que esta trabalha diretamente com a formação de consciência do cidadão.

Não podemos ignorar o fato de que a educação acontece tanto nos espaços formais (escolas, museus, bibliotecas) como fora deles (movimentos sociais, cotidiano de sobrevivência). Para Marcos Silva, “isso significa articular patrimônio histórico e educação em nome de entender e garantir diversas identidades sociais, com diferentes vozes definindo as historicidades e estudando os patrimônios ampliados para a condição de virtualidades assumidas pelos seres humanos rumo a novas invenções da realidade”.<sup>24</sup>

O trabalho com a história do patrimônio local pode conduzir a inserção do aluno na comunidade da qual ele faz parte redescobrimo seu próprio meio e produzindo a identificação de si mesmo, levando-o a compreender como se desenvolve e se constitui a sua historicidade.

Portanto, o ensino de história é um importante mediador na produção desse conhecimento já que é ofício da história investigar, reconstituir fatos, trazer a memória à tona possibilitando aos povos o conhecimento da sua própria historicidade.

### **2.3 – A fotografia como testemunho imagético**

Ainda na produção de fontes, tendo como suporte o método oral, podemos utilizar acervos fotográficos dos depoentes e outros arquivados contidos em órgãos públicos. De acordo com CARDOSO, a fotografia constitui uma leitura não-verbal que varia de acordo com sua época e com quem faz a leitura. A partir do momento em que é tirada já sofre influência da visão de mundo em seus aspectos sociais, culturais e políticos que deverão ser considerados pelo historiador/pesquisador.<sup>25</sup>

Ela também representa a marca cultural de uma época não só pelo passado ao qual nos remete, mas pelo passado que traz à tona. Nesse sentido, ela deixa de ser apenas uma imagem

---

<sup>24</sup> SILVA, Marcos A. da. *História: o prazer de ensino e pesquisa* / São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 54.

<sup>25</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion / VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro. Ed. CAMPUS, 1997.



e torna-se uma mensagem através da qual podemos construir uma nova versão dos fatos. A partir de então ela torna-se tanto um documento quanto um monumento.

Como documento, revela aspectos da vida material: as formas de trabalho, a arquitetura, as relações sociais... Torna-se uma forma de comunicação entre passado e presente. Como monumento, ela aparece como agente de criação da memória onde é priorizado certo momento para ser legitimado ou preservado.

Para BORGES, as imagens nos revelam as maneiras de sentir e pensar de um grupo social, e nos mostra como a memória coletiva vai sendo construída, criando laços de pertencimento mútuo e unindo os membros de uma mesma coletividade. Como cita a referida autora:

“A imagem fotográfica funciona, na realidade, como um espelho cultural, que tanto informa como constrói interpretações sobre os objetos e sujeitos fotografados. Dentre a multiplicidade de usos e funções a ela atribuída, há que se ressaltar seu poder de celebrar e difundir a memória coletiva de grupos sociais e sua capacidade de definir perfis socioculturais (...) não apenas constitui uma representação do real, como também integra um sistema simbólico pautado por códigos oriundos da cultura que os produz”.<sup>26</sup>

Uma vez ordenadas, as imagens assumem o papel de mensagens, cuja missão é estabelecer um diálogo entre elas e o pesquisador. Nesse sentido, sendo a fotografia uma mensagem, ela é composta por um sistema de signos não-verbais que deverão ser analisados de forma interpretativa pelo historiador para a construção do conhecimento histórico.

Dessa forma, elas devem ser lidas pelo pesquisador levando em consideração o lugar social onde foram produzidas, a época e a conjuntura não menosprezando os traços culturais da época de sua produção e evitando classificá-los como “exóticos ou fora de lugar” considerando que uma dada imagem, é uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz.

Portanto, em nosso trabalho elas implicam numa fonte que é classificada como lugar de memória e serão interpretadas de acordo com os fundamentos supracitados.

---

<sup>26</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. História & Fotografia – 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.92, 93.

## 2.4 - A História além dos muros da escola

O ensino de História, se for levado em consideração que seu objetivo maior é a formação de cidadãos, deve ser dinâmico e participativo. Esta é uma idéia de ensino comprometida com a construção de uma nação democrática.

A interdisciplinaridade associada à renovação dos currículos, propõe “um novo olhar sobre o conhecimento”. Nesse sentido destaca-se a necessidade de se relacionar os saberes adquiridos no espaço escolar com os saberes adquiridos no cotidiano, o que permitiria aos alunos interpretar “sua ação na sociedade”. Sendo assim, o aprendizado da História para o jovem seria uma importante ponte entre o seu mundo pessoal e o mundo exterior.

Para tanto, se faz necessário aos professores proporcionar a seus alunos uma metodologia de ensino que os envolva de forma dinâmica e participativa como propõe Marcos Ribeiro:

“Aulas cidadãs (...) que os tornem agentes de seu conhecimento, reconhedores de sua dimensão de sujeitos históricos, e que sejam espaço privilegiado para a reflexão e reinvenção da sociedade”.<sup>27</sup>

Nesse sentido, o trabalho com histórias de vida e com a história local, torna-se um importante meio de conscientização de que todos têm uma história e investigá-la e contá-la é necessário para a construção da cidadania.

Coleta de documentos de famílias, visita ao patrimônio arquitetônico local, festas populares, trabalho com imagens fotográficas e coleta de evidências orais, constituem importantes meios de motivação pedagógica para aquisição do conhecimento histórico.

Segundo CABRINI, a história que exclui a realidade do aluno ou qualquer tipo de história por ele vivida impossibilita-o de interrogar sua própria historicidade. O contato com a realidade, proporcionará ao aluno uma melhor compreensão dos fatos ocorridos em sua sociedade tornando-o capaz de estabelecer relações com outras realidades históricas de outras sociedades.<sup>28</sup> Para tanto, nada mais viável para a construção do conhecimento histórico do que a história do lugar em que vivemos. Dessa forma, o aluno terá a possibilidade de participar da produção desse conhecimento de forma ativa e sentir-se agente construtor da história, visto que, o objetivo principal do processo de ensino hoje, segundo os Parâmetros Curriculares

---

<sup>27</sup> RIBEIRO, Marcos Venício Toledo In: Revista Nossa História - Setembro / 2004, p.81-82.

<sup>28</sup> CABRINI, Conceição. *O ensino de História: uma revisão urgente* – 5ªed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

Nacionais, é a formação de cidadãos dotados de visão crítica da realidade para o exercício da cidadania.<sup>29</sup>

“... fora dos muros da escola existem pessoas vivas, ativas, que, conscientes ou não constroem prédios, criam estratégias de sobrevivência, estilos de vida, fazem história... os alunos têm uma sensibilidade resultante de suas vivências, o que é também uma forma de conhecer (...) A nós professores cabe explorar os instrumentos a serviço da aprendizagem no intuito de transformar informação em conhecimento”.<sup>30</sup>

O trabalho com diferentes fontes proporciona ao aluno um intercâmbio de idéias sugerindo a análise e interpretação de diferentes linguagens o que sugere o debate a cerca de explicações diferentes para um mesmo acontecimento. Também é possível incentivar o questionamento na construção de relações entre o presente e o passado no estudo das representações. A atividade de interação do aluno com o meio lhes permite interpretar a realidade e construir significados, permite também construir novas possibilidades de ação e de conhecimento.

O conhecimento, portanto é resultado de um complexo processo de construção, modificação e reorganização utilizado pelos alunos para assimilar e interpretar os conteúdos escolares. O que o aluno pode aprender em determinado momento da escolaridade depende das possibilidades delineadas pelas formas de pensamento de que dispõe naquela fase de desenvolvimento, dos conhecimentos que já construiu anteriormente e do ensino que recebe. Isto é, a ação pedagógica deve se ajustar ao que os alunos conseguem realizar em cada momento de sua aprendizagem, para se constituir em verdadeira ação educativa.

---

<sup>29</sup> BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História* – Brasília: MEC/SEF, 1998.

<sup>30</sup> Wanderley Quedo. *Revista Nossa História* – Outubro / 2004, p. 86-88.

### CAPÍTULO III – Memórias e histórias que o povo conta... E ouve.

*“O homem que já viveu sua vida, ao lembrar o passado, não está descansando por um instante das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando conscientemente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da vida”.*

Ecléa Bosi

Segundo Câmara Cascudo, dois povos habitavam o Estado do Rio Grande do Norte quando da chegada dos portugueses a esse território. Os Tupi, representados pelas tribos dos Potiguar, que ocupavam parte do litoral da Paraíba e todo território do Rio Grande do Norte e os Guarára, Pregoa e Jundiá que encontravam-se na parte mais interiorizada da costa. No interior, predominavam os Tapuio, também chamados de Cariri, divididos nas tribos dos Panati, Caicó, Peba e Tarairiú que habitavam o Seridó.<sup>31</sup> **(Ver foto 3)** Esses índios resistiram à invasão do seu território, dos seus rios, florestas e de toda sua paisagem de caça, pesca e de sobrevivência ocupada pelos colonizadores.<sup>32</sup>

Com a chegada dos portugueses no século XVI, e depois devido às guerras e doenças, se inicia o processo de desaparecimento desses povos indígenas. Uma dessas guerras, que durou de 1687 a 1697, foi a chamada Guerra dos Bárbaros, onde muitos índios foram derrotados e dizimados e os que sobreviveram foram privados de sua liberdade, sua religião e seus costumes, passando a viver em aldeamentos sob a proteção de padres, vindo a perder suas terras e sua identidade.

Contudo, a exploração inicial desse território induzia a criação de pequenos núcleos populacionais, postos de apoio e de defesas para as atividades de exploração do pau-brasil, atividade predominante na colônia na primeira metade do século XVI. No entanto, o povoamento do Estado só acontece de fato com a cultura da cana-de-açúcar nos vales úmidos do Cunhaú, do Potengi e do Ceará - Mirim localizados em uma parte do litoral. Outra frente de ocupação do Estado foi a criação de gado que chega a penetrar no Sertão, implantando as primeiras fazendas de gado.

---

<sup>31</sup> FELIPE, José Lacerda Alves. *Economia do Rio Grande do Norte: estudo geo-histórico e econômico* – João Pessoa: Editora Grafest, 2002.

<sup>32</sup> CASCUDO, Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. Ministério da educação e cultura. Rio de Janeiro. 1995.

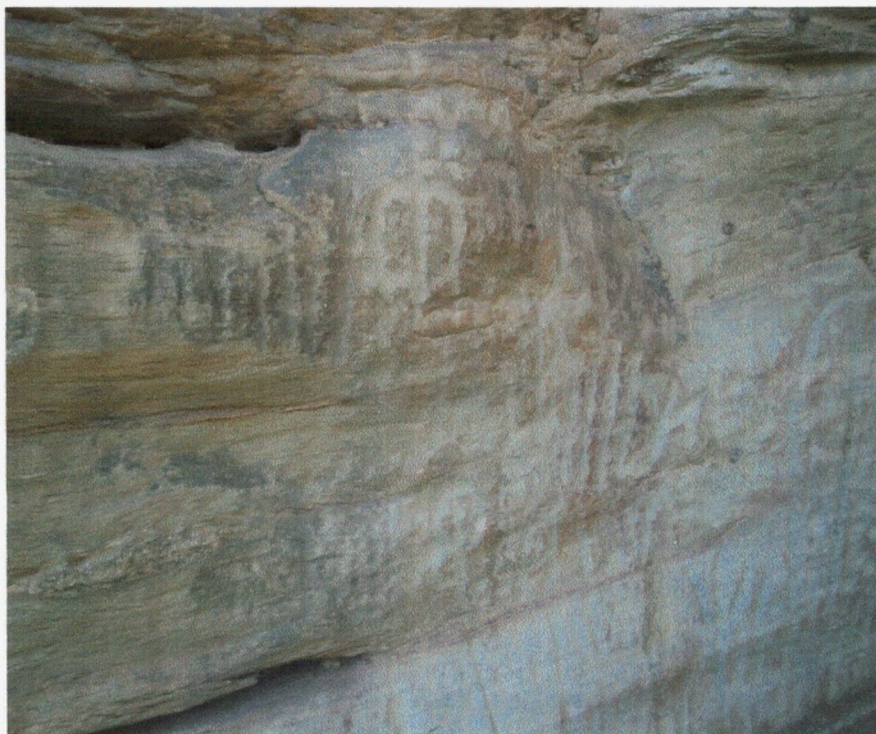


Foto 3: Arte Rupestre no sítio Letreiro, município de Equador

O “Letreiro” como é conhecido, encontra-se situado entre os Sítios Favela e Boa Vista a 20 km da sede do Município de Equador. Recebeu esse nome devido a Arte Rupestre encontrada em grandes pedras nas margens de uma galeria de águas permanentes.

As marcas primitivas não receberam ainda uma atenção especial para estudos de sua datação, mas pelos seus traços se tratam de vestígios deixados por tribos indígenas que habitaram a região do Seridó nos primórdios de seu povoamento.

Devido à semelhança com outras marcas encontradas em regiões próximas – desenhos feitos em forma de cunha - é possível acreditar que os povos que habitaram essa região apresentassem as mesmas características culturais. O sítio é um testemunho da existência de tribos nativas na região, provavelmente os Cariris que habitavam o interior do Estado.

É um lugar visitado por professores e alunos do município e de todo estado. Ele faz parte de uma propriedade privada, mas o proprietário tem consciência de sua importância para a preservação das raízes históricas da comunidade e zela por sua preservação enquanto lugar de memória.

*Pesquisa realizada pelos alunos da 6ª série Darcio Lima de Andrade, José Júnior do N. Araújo, Jacob de Vasconcelos Andrade e José Wilson do N. Araújo.*

As primeiras fazendas de criatórios são implantadas no sertão no início do século XVIII, nas localidades onde havia a presença de rios, riachos, açudes naturais, lagos e poços que se formavam entre os rios intermitentes do semi-árido nordestino. Como suplemento da atividade criatória, desenvolve-se também a cotonicultura, que, motivada pela Revolução Industrial Inglesa, também se reproduz no interior da grande propriedade do pecuarista.

Contudo, é a pecuária a atividade econômica que exerce um papel fundamental na ocupação e povoamento do sertão e de terras do agreste norte-riograndense.

Localizado no Sertão do Rio Grande do Norte e mais precisamente na Microrregião do Seridó Oriental que se encontra na Mesorregião Central Potiguar, o município de Equador tem seu início no núcleo de Equador, primitivamente denominado de São Sebastião e Periquito. Estes foram os nomes recebidos por ele quando de seus primórdios. Este primeiro fora dado pelo fazendeiro Simão Gomes, “o homem rico da região”, em cumprimento a uma promessa feita ao santo. Isso aconteceu na segunda metade do século XIX, por volta do ano de 1856 quando, em toda região, surgiu uma terrível doença denominada “cólera”<sup>33</sup> que, considerada incurável, levava o indivíduo a óbito em 24 horas, como relata o Sr. Silva Ramos sobre as consequências da doença:

“Morreu muita gente, alguns até foram enterrados vivos. A pessoa tinha um ataque parecido com epilepsia e alguns só tornavam após 24 horas e os que passavam de 24 horas eram enterrados vivos. Naquele tempo não havia postos de saúde e hospital só tinha em Natal a 277 km daqui.”<sup>34</sup>

Simão Gomes da Silva, temendo ser atingido pela doença, fez um voto a São Sebastião que se ele o livrasse da cólera juntamente com seus familiares, lhes doaria um terreno, edificaria uma capela e colocaria uma imagem de São Sebastião, como conta o Sr. Silva Ramos:

“Ele morava na fazenda Caraçá<sup>35</sup> (ver foto 4) quando apareceu a cólera, uma doença que estava matando o povo. Então ele fez uma promessa que se ninguém de sua família morresse construía uma igreja.”<sup>36</sup>

<sup>33</sup> Doença infecciosa aguda, contagiosa, que pode manifestar-se sob forma epidêmica, caracterizada, em sua apresentação clássica, por diarreia abundante, prostração e câibras; cólera-morbo, mordexim. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Básico da Língua Portuguesa – Aurélio – 1ª edição*. Editora Nova Fronteira, p. 160.

<sup>34</sup> O Sr. Silva Ramos participou da pesquisa contribuindo na coleta de evidência oral. O mesmo nasceu em 02.09.1933 no Sítio Quintos, município de Parelhas. Veio morar em Equador no ano de 1959 onde se casou e reside até hoje. Ele é um apreciador fervoroso da história local.

<sup>35</sup> A fazenda Caraçá situa-se a 5 km da sede do referido município.

<sup>36</sup> Silva Ramos, colaborador da pesquisa.

A terrível doença não atingiu Simão Gomes e nem seus familiares. Assim sendo, a promessa foi cumprida.

“Em 1856 ele marcou o local da igreja. Ele doou 220m<sup>2</sup> de terra, nas proximidades do poço da craubeira<sup>37</sup> (ver foto 5), onde seu gado bebia. Fez a casa onde hoje mora Dona Mariêta (ver foto 6), que foi a primeira casa de Equador, para os homens que trabalhavam na construção da igreja ter onde dormir... construiu a igreja e o cruzeiro. Então mandou comprar a imagem de São Sebastião e colocou na igreja”<sup>38</sup>

No mesmo ano em que foi construída a capela, foi também celebrada a primeira missa pelo Padre Manoel da Palma de Jardim do Seridó cujo povoado fazia parte da Intendência desse município. (Ver fotos 7 e 8).

Nas proximidades da capela começaram a surgir pequenas casas que com o passar do tempo deram origem ao povoado de São Sebastião. Este foi seu primeiro nome em decorrência da capela e da origem desta.

Passados os anos, o povoado de São Sebastião é elevado à categoria de Distrito, passando a pertencer ao município de Jardim do Seridó onde recebeu o nome de Periquito devido às imensas revoadas de pássaros existentes na localidade.

Em 1917, recebe o nome de Equador pelo presidente da Intendência de Jardim do Seridó, Dr. Heráclito Pires.

“Essa denominação se deve a localização geográfica do município. Este se localiza na fronteira com a Paraíba tendo como limite um divisor de águas. As águas que caem das precipitações chegam à divisa e equão, ou seja, se distribuem parte para o Rio Grande do Norte e parte para a Paraíba. Daí se falar em equação das águas e, conseqüentemente, em Equador.”<sup>39</sup>

Através do Decreto Nº. 603 de 31 de outubro de 1938, Equador passa a ser Distrito da cidade de Parelhas, esta já emancipada, tendo como representantes em sua Câmara Municipal os vereadores José Batista de Oliveira (seu Dedé) e José Marcelino de Oliveira.

<sup>37</sup> Árvore de grande porte que se encontra na Rua do Estado, no município citado.

<sup>38</sup> Silva Ramos, colaborador da pesquisa.

<sup>39</sup> Maria Zélia Batista Guedes: “Aspectos gerais do município de Equador – RN” Abril de 1981.



Foto 4: Casa que pertenceu a Simão Gomes situada na fazenda Caraça

A casa que pertenceu ao Sr. Simão Gomes da Silva, segundo relatos, fundador da cidade de Equador, fica situada na fazenda Caraça a 5 km da sede do município. Ela ainda apresenta sua forma antiga, tanto em sua parte interna como externa. Hoje pertence ao Sr. Antônio Leopoldino da Nóbrega.



Foto 5: Craubeira, árvore que fazia sombra a um poço que abastecia os animais.



O poço da craubeira, posteriormente transformado em um açude, também é recordado por antigos moradores como um lugar de lazer, pois quando chovia o açude, conhecido como “Açude do Estado”, situado dentro da cidade, transformava-se em uma “verdadeira praia”, segundo o Sr. Valdomiro<sup>40</sup>. Além disso, sua água também era utilizada pelas lavadeiras de ganho que tinham enormes batedores de roupas ao seu redor. Tais como a Sra. Mariêta, que é uma das mais antigas lavadeiras.



Foto 6: A primeira casa construída na cidade hoje pertencente a Sra. Mariêta

Esta casa foi construída por volta de 1856 e ainda apresenta a mesma estrutura de sua formação mesmo tendo passado por pequenas reformas. Hoje ela é de propriedade da Sra. Mariêta.

*Pesquisa realizada pelos alunos da 5ª série Francisco Grangeiro Diniz Neto, Luciano Alves da Silva, Samara Cintia de Souza Santos, Johanna Alves de Souza e Emerson Souza dos Santos.*

---

<sup>40</sup> O Sr. Valdomiro Bulcão da Silva é colaborador da pesquisa e contribuiu com a coleta de evidências. Nascido aos 22.10.1933, solteiro, é natural do município embora tenha passado a maior parte da sua vida fora. Contudo, visitava seus familiares constantemente e participava ativamente dos eventos sociais da cidade promovendo festas de grande repercussão no município.



Fotos 7: Capela de São Sebastião.

A Capela de São Sebastião como assim é denominada pelos fiéis, está localizada na Rua Simão Gomes. Ela foi construída na segunda metade do século XIX por volta de 1856 pelo fazendeiro Simão Gomes da Silva em cumprimento de uma promessa feita ao referido santo.

O Sr. Simão Gomes, temendo que sua família fosse atingida pela doença, fez uma promessa a São Sebastião para que seus familiares não fossem atingidos pela doença. Tendo desaparecido a epidemia e seus familiares não sendo atingidos, Simão Gomes doou 220m<sup>2</sup> de terras nas proximidades do poço craubeira onde foi construída uma capela e colocada a imagem de São Sebastião.

Quando foi construída, era uma pequena capela, mas com o passar do tempo a população foi ampliando-a através de doações dos fiéis moradores até chegar a estrutura atual.

Nela foi celebrada a 1ª missa no município pelo Padre Manoel da Palma (Pe. Neco) de Jardim do Seridó.

Sua parte interna é constituída por três altares sendo que o principal é onde fica a imagem do padroeiro. Nele também está São José e Nossa Senhora Aparecida. Nos outros dois altares que ficam na parte central da igreja estão as imagens de Nossa Senhora de Fátima e o Sagrado Coração de Jesus. Apesar ter um espaço bastante limitado, também tem em sua parte interna duas fileiras de bancos que são utilizados pelos fiéis para assistirem aos rituais sagrados e comporta cerca de 70 pessoas.

Na parte externa dela e mais precisamente a seu lado direito, está o pequeno altar com a imagem de Santa Edwrigens que foi colocada por uma fiel na década de 80 em cumprimento a uma promessa. Na sua frente encontra-se o cruzeiro que foi construído na mesma época da capela. Sua arquitetura assemelha-se as construções romanas tanto em sua parte interna como externa.

Antes da construção da Igreja Matriz (ver foto 9 ) era onde se celebravam missas e missões, por sinal foi nela onde Frei Damiano celebrou as Santas missões por duas vezes em que esteve na cidade, casamentos ( um dos nossos depoentes recorda com satisfação seu casamento “casei no ano de 1957 no dia 24 de novembro às 4hs da tarde na capelinha de São Sebastião”).

Hoje ela é o lugar destinado à celebração de missas pela memória dos falecidos e onde se celebram os rituais de recomendação de corpos antes de serem sepultados. Na realização desses rituais a comunidade mostra sua solidariedade às famílias participando dos rituais e compartilhando com o momento. É uma celebração tradicional que já faz parte da cultura local e é passado de geração em geração.

A capela é o prédio mais antigo da cidade. Ela já passou por diversas reformas após sua construção devido à necessidade de preservar sua arquitetura e, conseqüentemente, sua memória, pois esta constitui também a memória da história local.



Foto 8: Imagem de São Sebastião, padroeiro da cidade.

Esta imagem foi colocada na capela no ano de 1856 pelo fundador da cidade, segundo relatos. A mesma não sofreu nenhuma danificação e sua estrutura original ainda se mantém.

*Pesquisa realizada pelos alunos da 6ª série: Aurileide Pereira dos Santos, Vitória Maria de Lima, Elizandra Lima dos Santos, Fernanda de Almeida Oliveira e Jéssica dos Santos Araujo*



Foto 9: Igreja Matriz de São Sebastião

A Igreja Matriz de São Sebastião foi construída por volta da década de 1920, segundo um registro datado em uma das madeiras do teto da matriz. No entanto não há oficialmente um registro que comprove esta data como sendo da conclusão da obra.

Ela possui um uma área construída de 13,45 m. De frente e 2,80 nas laterais somando um total de 400m<sup>2</sup> de área construída. Localizada no Bairro Dinarte Mariz é visível a quase toda a comunidade. Na parte interna da Igreja encontra-se um altar onde estão as imagens de Nossa Senhora da Conceição, de São José e do padroeiro São Sebastião. Nas laterais há ainda as imagens do Sagrado Coração de Jesus, Santa Rita de Cássia, nossa Senhora do Perpétuo Socorro, entre outras. A arquitetura interna é composta por pilares com estrutura pontiaguda rodeando toda a matriz.

Semanalmente a Igreja é destinada a celebrações, terços, missas, louvores entre outros que fazem parte da programação paroquial. É um lugar de encontro de famílias e harmonia entre as pessoas. Constitui um lugar privilegiado por receber grande quantidade de pessoas semanalmente e por ser um centro de pregação da fé é de grande importância para crianças e adolescentes que terão a oportunidade de crescer na tradição culturalmente seguida e transmitida pelos seus pais.

*Pesquisa realizada pelos alunos da 6ª série Lucrecia Severiano Alves, Maria das Vitórias O Lima, Jositânia da S. Pereira, Anaildo Oliveira de Souza e Alexandre dos S. Calixto.*

Em 1º de janeiro de 1939, o referido Distrito passa a Vila tendo como Sub-Prefeito o Sr. Jacob Alves de Azevedo, prefeito da cidade de Parelhas. Nesse período é construído o mercado público onde vão passar a acontecer as feiras e as grandes festas.

Contudo, é no ano de 1962 que este município começa a ganhar sua independência. Através da Lei nº. 2.799 de 11 de maio de 1962, o Governador do Estado do Rio Grande do Norte Dr. Aluizio Alves, desmembrou o município de Equador do município de Parelhas e no ano seguinte, mais precisamente em 17 de março de 1963, o referido município conquista sua Emancipação Política, tendo como primeiro prefeito, nomeado pelo governador do Estado, o Sr. José da Costa Cirne Filho da cidade de Parelhas.

No entanto, nesse momento ainda não se pode falar em independência política, pois a cidade teve um prefeito que não foi escolhido pelos moradores do município. Apenas no ano seguinte é que realmente este se tornou independente e o povo teve a oportunidade de exercer sua cidadania, escolhendo um representante para o governo local, o Sr. José Marcelino de Oliveira que, segundo relatos, foi digno do cargo que exerceu.

A partir daí a política também passou a fazer parte da vida dos equadoenses mais de perto. Os partidos políticos com seus “chefes” direcionam as ações do município e nesse momento o povo, não só de Equador, mas do Brasil, aspira pela Democracia. Ela chega, mas não se concretiza totalmente porque ainda não se via partido político, o voto era direcionado pelo chefe político do lugar. Os primeiros partidos a se formarem foram UDN, ARENA, MDB e PSD, depois vieram PMDB e PDS que foram seguidos dos existentes hoje. Sobre as eleições, o Sr. Chico Fumeiro argumenta que,

“Eram muito diferentes de hoje, mais calmas, não existia a compra de votos e as famílias tinham mais compromisso com os candidatos. Por maior que fosse a família, todos acompanhavam um só partido. As pessoas votavam pela amizade ou pelos serviços prestados”.<sup>41</sup>

Na verdade não se via partido político mesmo o que se levava em consideração eram as amizades, os favores e os serviços prestados que, como o município estava em sua fase embrionária, muito tinha para ser feito e começou realmente a se realizar as obras que a cidade precisava. Talvez essa forma como os eleitores se comportavam em relação a seus representantes políticos da época, fosse uma forma de reconhecimento do trabalho prestado por eles.

---

<sup>41</sup> O Sr. Francisco Sabino de Oliveira é colaborador da pesquisa. Nasceu aos 06.05.1927 na cidade de Taperoá – PB e veio para o município de Equador em 1953. Era comerciante e em 1976 foi prefeito da cidade exercendo essa função por duas vezes.

Contudo, a partir de sua emancipação, o município começa a caminhar sozinho. Mesmo com muitas dificuldades, as coisas necessárias para a sobrevivência da população começaram a chegar. Água, eletricidade, serviços de comunicação, educação, lazer... (Ver fotos 10 e 11 das principais ruas da cidade, nas décadas de 70 e 80)

“*As coisas eram muito difíceis*”. Essa expressão permeia a memória dos mais antigos. E eram mesmo! A água só era encontrada a 03 km da cidade, no poço Caiçara e era trazida pelos moradores no lombo dos animais ou em galões. Os serviços de comunicação eram feitos através da cidade de Parelhas como relata a Sra. Cleonice e o Sr. Silva:

“Os meios de comunicação eram precários. Tinha uma pessoa contratada por Parelhas para deixar as cartas todos os dias. Também existia um aparelho chamado sonofone<sup>42</sup> que funcionava como um telefone através de um fio para Parelhas que ainda funcionou durante 24 anos... televisão, só na casa do Sr. José Marcelino que foi quem primeiro adquiriu e quando chegava à noite ficava cheio de gente assistindo jornal e novelas”.<sup>43</sup>

“O sonofone era um fio de arame grosso que se estendia daqui até Parelhas. Tinha uma pessoa para fazer e receber ligações”.<sup>44</sup>

A energia elétrica era a motor movido a carvão. Acendia às 18 horas e era desligada às 22hs. Apenas quando havia festa é que se estendia até mais tarde um pouco. Apenas em 1968 chegou a COSERN, Companhia de Energia do Rio Grande do Norte, que trouxe energia elétrica para a cidade e para muitas residências que até então não tinham.

Mais tarde, mais precisamente na década de 80, ainda contribuindo para a melhoria de vida da população, chega à água. A princípio são construídos reservatórios conhecidos por chafariz de onde as pessoas abasteciam suas casas e aos poucos vão sendo feitos os canais de abastecimento para elas. O município não sofre tanto com a falta de água devido à existência de reservas naturais de águas permanentes.

<sup>42</sup> O sonofone era um meio de comunicação que foi implantado no município através dos correios e telégrafos no ano de 1942. Os fios que conduziam a linha vinham da cidade de Parelhas.

<sup>43</sup> D.Cleonice é moradora do município de Equador e participou da pesquisa contribuindo na coleta de evidência oral. Nascida aos 05.12.1931, na comunidade denominada Cobiçado município de Parelhas, começou a frequentar a “vila de Equador” no ano de 1950. Em 1952, casou-se e veio morar nesta localidade.

<sup>44</sup> Silva Ramos, colaborador da pesquisa.



Foto 10: Paisagem antiga da Rua Getúlio Vargas nas décadas de 60 a 80.

Esta rua fica localizada no centro da cidade onde hoje predomina o comércio. Quase não há residências, pois estas cederam lugar a lojas e mercadinhos.



Foto 11: Paisagem antiga da Rua José Francisco.

Esta rua fica localizada no centro da cidade. Hoje é composta por restaurantes, bares, o mercado público, que ainda desempenha importante função no comércio local e diversas residências em suas extremidades.

Não havia estradas. Quando morria uma pessoa na zona rural era uma dificuldade trazê-la para sepultar. Era trazida em uma rede. Um marco desse acontecimento é o Juazeiro das Almas, situado na entrada do sítio Jacu. Contam os mais antigos que recebeu esse nome por ter sido o local onde se colocavam os defuntos que vinham do referido sítio. Nele, retirava-se o corpo da rede que o trazia e colocava-se no caixão público que servia para o transporte de todos os defuntos até o cemitério público da cidade. (Ver foto 12).

Também não havia médicos, como cita D. Cleonice:

“Seu Dedé Batista<sup>45</sup> era nosso doutor. Consultava, passava remédios, aplicava injeção e encanava braços e pernas com o auxílio de caixão de charutos. Em sua residência tinha uma pequena farmácia apenas com remédios básicos, mas que dava para atender sua clientela. Além do ser humano ele também atendia os animais. Quando não dava para ir a pé ia em seu burrinho, mas não deixava de atender nem botava dificuldade... tinha um Sr. por nome Pontual que receitava remédios do mato como se falava: casca de jatobá, aroeira, marmeleiro, mastruz, juazeiro, cumaru, etc.”

Dessa forma, podemos perceber a tradicional medicina popular através do uso de ervas medicinais e de curas populares que se davam através de rezas e de porções que curavam as quais constituem um legado que se faz presente nos dias atuais.

As atividades comerciais eram muito frágeis. Na vila as feiras aconteciam, segundo relatos, embaixo de uma baraúna<sup>46</sup> numa primitiva latada localizada onde hoje é a Praça Simão Gomes. Os moradores viviam da agricultura, pecuária e exploravam com muitas dificuldades o minério, principalmente o caulim que até hoje continua sendo explorado. Ainda por volta das décadas de 50, 60 e 70 não existiam mercadinhos, havia bodegas que vendiam apenas o básico, como cita D. Guedinha:

“Se a gente quisesse comprar uma garrafa de manteiga, ou um quilo de queijo, tinha que mandar comprar em Parelhas porque aqui não existia, o comércio era fraco... só tinha o principal: feijão, arroz, farinha... mas as outras coisas melhores...”.<sup>47</sup>

<sup>45</sup> O Sr. Dedé Batista (in memorian), como era conhecido popularmente, era um profundo conhecedor da história local. Além de sua habilidade para cuidar de homens e animais, também foi um grande poeta que, em suas narrativas poéticas, muito engrandeceu a cultura local.

<sup>46</sup> Bras. N.E. Árvore da família das anacardiáceas (*Schinopsis brasiliensis*), muito comum na caatinga, onde atinge até 12m de altura. Folhas aromáticas, ramos espinhosos e flores alvas muito pequenas; o fruto é alado e a madeira, duríssima, serve para dormentes. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Básico da Língua Portuguesa – Aurélio* – 1ª edição. Editora Nova Fronteira, p. 85.

<sup>47</sup> D. Guedinha participou da pesquisa contribuindo na coleta de evidência oral. Ela nasceu na cidade de Jardim do Seridó – Rn em 12.07.1925. Passou a ser moradora do município de Equador em 1944. Foi educadora no município por muitos anos. É esposa do Sr. Dedé Batista com o qual conviveu durante 47 anos constituindo uma família com dois filhos.





Foto 12: Juazeiro das Almas

O juazeiro é uma árvore alta e copada da família das ramnáceas (*Zizyphus joazeiro*), característica da caatinga nordestina, de folhas trinérveas, flores pequeninas, fruto drupáceo, amarelo, com polpa edule, e cuja casca é rica em saponina e serve como sabão e dentífrício. Fornece ao gado sombra e alimento, não perdendo a folhagem durante a seca.<sup>48</sup>

O Juazeiro das Almas como assim é denominada esta árvore histórica do município fica localizado na saída para a Zona Rural da cidade.

---

<sup>48</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Básico da Língua Portuguesa – Aurélio – 1ª edição*. Editora Nova Fronteira, p. 378.

Nesse aspecto, o Sr. Aderbal recorda muito bem alguns comerciantes da época e cita: *“as bodegas que tinham aqui era a minha, a de Oliveira, Zé Pedreiro, Dodó, Manoel Alfredo, José Batista... tinha a padaria de Manoel Padeiro e uma loja de tecidos de Zé Primo”*.<sup>49</sup>

No entanto a atividade que sempre se manteve firme desde seus primórdios foi o extrativismo mineral. O Sr. Aderbal relata muito bem a importância dessa atividade:

“Aqui é uma fonte de riqueza mineral. Todo mundo se arrumou por intermédio de minério. Veio à produção de caulim, a pedra preciosa, a tantalita... vinha comprador de fora. Seu Zé Marcelino foi o 1º dono de decantamento aqui.”<sup>50</sup>

O município realmente tem em seu solo uma grande riqueza mineral. Segundo o IDEMA<sup>51</sup>, é possível constatar a existência de minerais como areia, bário, barita, berílio, caulim, moscovita, nióbio, tântalo, e feldspato e gemas<sup>52</sup> como água marinha, turmalina, granada e euclásio. A maior parte desses minerais é explorada por empresários e exportada para estados vizinhos sendo utilizados na industrialização de diversos produtos.

É certo que as dificuldades sempre fizeram parte do cotidiano dos equadoenses, e antes mais do que agora, no entanto, mesmo diante delas, o povo desse lugar sempre apreciou muito o lazer e uma boa programação festiva passou a fazer parte da cultura local. Dessa forma, as festas sempre estiveram presentes desde a Vila até a cidade independente. O Carnaval, a Rosa de Maio, o São João, o Luar de Agosto, O Baile do 07 de Setembro, a Mais Bela Voz, a Festa do Padroeiro e o Natal. Estas eram as festas mais citadas e aprovadas pelos apreciadores da diversão local. O Carnaval, o Natal e a Festa do Padroeiro eram as mais badaladas.

Sobre o carnaval Solange recorda que:

“Na época, por volta das décadas de 70 e 80 as melhores festas que havia era o carnaval que acontecia como um baile. Eram três dias de festa no mercado público e para cada dia tínhamos uma fantasia diferente. Só entrava quem estivesse fantasiado”.<sup>53</sup>

<sup>49</sup> O Sr. Aderbal Guedes é colaborador da pesquisa na realização das entrevistas. Nascido aos 15 de outubro de 1930 no município de Santa Luzia – PB morou durante 20 anos no Sítio Fundamento, município da referida cidade. Chegou a Equador no ano de 1951 onde casou em 1957 e constituiu uma família com sete filhos.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio grande do Norte

<sup>52</sup> Pedras preciosas.

<sup>53</sup> Solange Guedes de Souza Brito participou da pesquisa nos fornecendo informações sobre as festas que aconteciam na cidade. Nasceu aos 22.04.1964 na cidade de Equador, é professora da rede municipal de ensino. Casada e tem três filhos.

Nessa festa quem é carinhosamente recordado como organizador e animador é o Sr. Nicolau Bezerra (in memorian) que, segundo relatos, era apaixonado por carnaval.

“No carnaval o finado Nicolau saía de casa em casa pedindo as moças aos pais para fazer um bloco. Ele organizava o carnaval. Quando terminava o baile ele ia deixar as moças na casa dos pais. Todo mundo confiava. Ele era responsável”.<sup>54</sup>

A festa do glorioso São Sebastião intercessor da família de Simão Gomes que teria se livrado da cólera graças a ele, tornou-se imortal, ou melhor, tradicional. “*Sempre foi muito animada, com bandas e parques de diversão (...) A gente brigava para arrumar a barraca (...) Rendia muito dinheiro*”, recorda D. Lourinha.<sup>55</sup> Todos têm o que dizer dessa festa tanto sagrada como profana, talvez até mais profana do que sagrada porque as estratégias para aumentar o saldo monetário dela eram excelentes: rainhas, comissões, cordões, pavilhões... A esse respeito, D. Lourinha argumenta:

“... tinha o baile tradicional, rainha, trono e coroação. A rainha que arrumasse mais dinheiro era a que ganhava (...). Para arrumar mais dinheiro tinha as moças que trabalhavam para a rainha, eram as ‘garçonetes’ da festa. Tinha a baiana que lia mão, os soldados que prendiam os homens e só soltavam depois que pagassem e o correio para mandar telegramas”.<sup>56</sup>

Contudo, a religiosidade aparece de forma nítida na fala de D. Guedinha que diz: “*eram três dias de festa e muita devoção*”. Dessa forma a fé desse povo atravessa décadas e mantêm-se, desde a missa mensal, como recorda D. Lourinha “*aqui só tinha missa de mês em mês, mas era uma festa*” até a tradicional festa do padroeiro que, embora anual seja ansiosamente esperada por todos.

Outra festa que tem um lugar especial na memória local é o Natal. No Natal havia o samba de Seu Manoel Marcolino, o forró de Mariano, o forró do mercado entre outros. Os bailes eram animados por sanfonas e Zequinha, sanfoneiro de fama, era o animador de muitos deles. As festas aconteciam até a hora da missa do galo. Nessa hora tudo parava e todo mundo ia à missa. “*O mercado público era cheio de gente bebendo capilé*”<sup>57</sup>, recorda D. Cleonice.

<sup>54</sup> Silva Ramos, Colaborador da pesquisa.

<sup>55</sup> A senhora Lourides Bulcão, popularmente conhecida por “Lourinha”, é colaboradora da nossa pesquisa nos relatos de evidências orais. D. Lourinha nasceu em 06.04.1940 na cidade de Junco do Seridó – PB e veio morar na cidade de Equador por volta da década de 50 onde se casou e teve três filhos. Foi coroada rainha da festa do padroeiro por diversas vezes.

<sup>56</sup> Idem

<sup>57</sup> Bebida feita com limão e mel.

*“O Natal acontecia num clima de paz. As pessoas se divertiam com muita naturalidade e respeito... as músicas, as vestimentas, o ambiente, enfim, tudo era muito gostoso”* <sup>58</sup>, observa Luzinete. (ver fotos 13 e 14)

Hoje as festas ainda acontecem, não todas, algumas delas, mas para alguns depoentes falta muito para ser como as de antigamente, ou melhor, nunca serão. Os jovens não têm mais interesse pela tradição, como argumenta o Sr. Valdomiro,

“As festas que eu organizava eram muito chiques, a começar pela roupa das pessoas (...) quem não estivesse vestido de acordo com o figurino não entrava (...) se fizer isso hoje muitos vão achar cafona, mas no nosso tempo não”. <sup>59</sup>

Esses argumentos permeiam a memória de todos os depoentes ao se referir às festas e quando buscam uma explicação para o “declínio” delas logo encontram: o crescimento da cidade e da população, o contato com os meios de comunicação, o aumento da liberdade dos jovens que os estimula a buscar os meios modernos de diversão, a própria política local que, com a radicalidade de seus representantes políticos, vem promovendo uma separação entre as famílias interferindo também na harmonia que existia nas festas.

Já no setor econômico a partir da década de 80, com o crescimento da população, o desemprego passa a se tornar um problema social visível. Nesse momento o país inteiro passa por uma grave crise econômica que também repercute na vida das famílias equadoenses. Os jovens terminavam seus estudos e o mercado não lhes oferecia opção de trabalho o que provocou a saída de muitas pessoas da cidade para buscar meios de sobrevivência nos grandes centros urbanos do país.

No entanto, a partir da década de 90 a economia da cidade tem um crescimento considerável juntamente com as condições de vida da população que passa a ter acesso aos programas sociais de distribuição de renda do Governo Federal, melhorando, em partes, o nível social dos moradores da cidade. Também o crescimento do comércio e do setor de extração mineral possibilitou a geração de empregos contribuindo também para a redução do

---

<sup>58</sup> Luzinete de Brito Guedes Brandão, popularmente conhecida por Neta de Homero, é colaboradora da nossa pesquisa nos relatos de evidências orais. Neta nasceu na cidade de Junco do Seridó - PB em 28.01.1956 e veio morar no município de Equador no ano de 1971. É professora com 31 de profissão, casada e tem três filhos.

<sup>59</sup> Valdomiro Bulcão da Silva, colaborador da pesquisa.



Foto 13: Antigo salão de festas.

Este prédio era onde se realizavam os badalados bailes de Natal da cidade. Era de propriedade do Sr. Mariano (in memoriam), antigo sargento da cidade.



Foto 14: Mercado Público

O Mercado Público fica situado na parte central da cidade. Foi construído por volta de 1932. Antigamente era onde aconteciam os bailes de natal, carnaval e São João festas tradicionais que aconteciam na cidade. Também era o lugar onde aconteciam as feiras e acontecem até os dias de hoje. Em suas laterais existem casas de jogo, bares, videogame e fruteira. As feiras acontecem aos domingos e o movimento comercial se concentra em torno dele. Por isso é um lugar visitado por toda a comunidade. Adultos, crianças e adolescente são chamados a visitá-lo, seja para fazer compras ou para se divertir, pois existem espaços de comércio e de diversão.

*Pesquisa realizada pelas alunas da 6ª série Lidiane Braz de Oliveira e Vanessa Natércia dos S. Nunes*

desemprego na cidade mesmo que este ainda seja um grande problema no município e no país.

O município de Equador hoje tem uma população de 5.664 Habitantes, segundo dados do IBGE e conta com um comércio bastante desenvolvido, com escolas, hospitais, postos de saúde, áreas de lazer, pousadas, restaurantes, bares, drogarias, etc. que contribuem para o crescimento do município e para a melhoria das condições de vida da população. **(ver foto 15)**



Foto 15: Vista aérea da cidade de Equador nos dias de hoje.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com memória de um determinado lugar ou de pessoas é um desafio por consistir em uma busca. Essa busca poderá acontecer de diversas formas que irão definir os caminhos a percorrer para chegar à construção do conhecimento histórico.

Para tanto, necessitamos e dependemos de informantes que, segundo Monique Augras 1997 não nos fornecem dados, mas sim, um discurso. Assim sendo, esse discurso vai ser estruturado a partir dos elementos de sua memória e da sua identidade e, portanto, da sua subjetividade que não podem ser ignorados.

Nesse sentido, as narrativas não devem ser consideradas como reveladoras de verdades acerca dos fatos, mas testemunhos de pessoas que vivenciaram ou tomaram conhecimento de determinados acontecimentos.

Baseado nos objetivos da nossa pesquisa podemos considerar que a produção foi realizada. Foi um trabalho que resultou no esperado: uma fonte de pesquisa a partir de uma experiência pedagógica de trabalho.

O método de produção de fontes adotado resultou em um excelente meio de inserir os alunos em uma atividade de construção do conhecimento histórico dinâmico e agradável. Isso se tornou visível quando desenvolvemos o trabalho de visita ao patrimônio e quando foi realizada a coleta de dados onde os alunos começaram a perceber a importância que cada lugar tinha para a preservação da memória local passando a olhá-los não mais com um olhar comum, mas como quem conhece o valor daquele objeto. Também o diálogo com as pessoas mais velhas possibilitou uma aproximação entre eles despertando nas crianças o desejo de buscar o conhecimento nas experiências dessas pessoas.

É fundamental para o estudante que está começando a compreender o mundo conhecer a diversidade de ambientes e modos de vida para compreender de forma crítica a sua própria época e o espaço que ocupa. É por meio da observação da materialidade e da interpretação dos discursos do seu e dos outros tempos que o aluno aprende a ampliar sua visão de mundo. É também uma forma de aproximar a teoria escolar da observação direta.

O trabalho com a produção de fontes consiste em um trabalho complexo, no entanto prazeroso no sentido de que é realizado de forma dinâmica possibilitando o contato com objetos, lugares e pessoas. Ele exige do pesquisador ação, a busca e a reflexão acerca dos fatos e isso possibilita uma participação ativa no processo de construção do conhecimento



histórico. Nesse sentido devemos refletir com o argumento de Durval Muniz: “É preciso, pois, continuarmos amando a história, não pelas certezas que nos revela, mas pelas dúvidas que levanta, pelos problemas que coloca e recoloca (...). A história não é um ritual de apaziguamento, mas de devoração, de despedaçamento. Ela não é bálsamo, é fogueira que reduz a cinzas nossas verdades estabelecidas, que solta fagulhas de dúvidas, que não torna as coisas claras, que não dissipa a fumaça do passado, mas busca entender como essa fumaça se produziu”.<sup>60</sup> E é essa busca pela origem que nos inquieta e nos faz eternos curiosos pela verdade...

Por isso, pensar o ensino globalmente, é proporcionar ao aluno a produção do conhecimento a partir de sua ação enquanto sujeito construtor da história através da pesquisa, considerando que “o saber histórico é sempre uma construção do real e não o real”. Dessa forma o aluno se tornará sujeito do conhecimento e o professor é entendido não apenas como detentor do conhecimento que deverá demonstrar seus domínios teóricos e técnicos, mas também um orientador no intuito de, junto com o aluno, dedicar-se a construção do saber.

Portanto, esperamos que esse trabalho seja de grande utilidade para alunos e profissionais da área de educação, não só para o ensino de história, mas como um referencial que poderá ser adotado como uma lição de método para todos aqueles que são comprometidos com a educação e estão sempre em busca de conhecimentos.

---

<sup>60</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes* – 2ª ed. – Recife: FNJ, Ed. Massangana: São Paulo: Cortez, 2001, p. 317.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes* – 2ª ed. – Recife: FNJ, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

AUGRAS, Monique. História Oral e Subjetividade. In: Von Simsom, Olga. R. M (org.) *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. São Paulo: Unicamp, 1997.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia* – 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005,

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade, lembrança de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1982.

BLOCH, Marc. *Apologia da História e o ofício do Historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História* – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Escrita da História*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CABRINI, Conceição. *O ensino de História: uma revisão urgente* – 5ªed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion / VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro.

CASCUDO, Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. Ministério da educação e cultura. Rio de Janeiro. 1995.

CASTRO, Hebe. *História Social*, In: Ciro Flamarion Cardoso / VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FELIPE, José Lacerda Alves. *Economia do Rio Grande do Norte: estudo geohistórico e econômico* – João Pessoa: Editora Grafest, 2002.

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara / kagan, 1989.

GUEDES, Maria Zélia Batista. “Aspectos gerais do município de Equador – RN” Abril de 1981.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

IDEMA – Instituto de Desenvolvimento Econômico e meio Ambiente do Rio Grande do Norte – *Perfil do Município de Equador* - Natal, RN – 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_. *A história nova / [sob nova direção]*; Roger Chartier, Jacques Revel: tradução Eduardo Brandão – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral* - 5ª Edição. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_, SANTOS, Andréa Paula, RIBEIRO, SUZANA L. S. *Vozes da marcha pela terra*. São Paulo, Loyola, 1998.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada* – 3ª Edição. São Paulo: Contexto, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento e Silêncio*. In: Estudos Históricos, (memória). Rio de Janeiro, 1989.

RIBEIRO, Marcos Venicio Toledo In: Revista Nossa História - Setembro / 2004.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

**ACERVOS FOTOGRÁFICOS**

Foto 1: Imagem do acervo da pesquisadora

Foto 2: Imagem do acervo da pesquisadora

Foto 3: Imagem do acervo da pesquisadora

Foto 4: Imagem do acervo da pesquisadora

Foto 5: Imagem cedida pela Secretaria Municipal de Educação

Foto 6: Imagem cedida pela Secretaria Municipal de Educação

Foto 7: Imagem cedida pela Secretaria Municipal de Educação

Foto 8: Imagem do acervo da pesquisadora

Foto 9: Imagem cedida pela Secretaria Municipal de Educação

Foto 10: Imagem cedida pela Secretaria Municipal de Educação

Foto 11: Imagem do acervo da pesquisadora

Foto 12: Imagem do acervo da pesquisadora

Foto 13: Imagem cedida pela Secretaria Municipal de Ação Social

Foto 14: Imagem cedida pela Secretaria Municipal de Ação Social

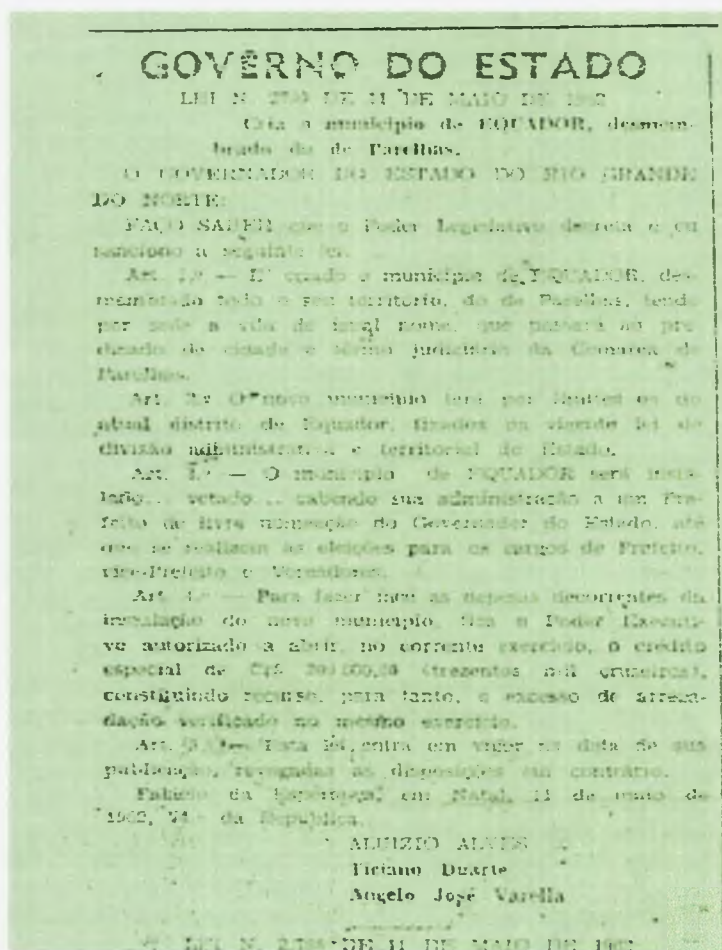
Foto 15: Imagem cedida pela Secretaria Municipal de Ação Social

**DOCUMENTOS ESCRITOS**

Lei de desmembramento do município da cidade de Parelhas

## **ANEXOS**

## ANEXOS



Lei de desmembramento do município de Equador da cidade de Parelhas

## **ROTEIRO DAS ENTREVISTAS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - UAHG  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA  
ALUNA: ISMERINA DO NASCIMENTO

### **DADOS DO PROJETO**

TÍTULO: Equador: Mitos, Memórias e Histórias.  
ORIENTADOR: Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza  
INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Campina Grande  
ENTREVISTADOR (A): Ismerina do Nascimento

### **ENTREVISTA**

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Local:** \_\_\_\_\_

### **DADOS PESSOAIS:**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Local e data de nascimento:** \_\_\_\_\_

**Cidade:** \_\_\_\_\_

**Profissão:** \_\_\_\_\_

**Estado civil:** \_\_\_\_\_

- 1 – Quando chegou ao município?
- 2 – Do que vivia sua família? Que dificuldades enfrentavam?
- 3 – E as outras pessoas, do que viviam?
- 4 – Fale sobre o trabalho que você realizava...
- 5 – Como era o comércio local? Como e quando as coisas começaram mudar?
- 6 – Através do que você consegue perceber essas mudanças na economia da cidade e na vida das pessoas?
- 7 – Fale sobre as festas que havia na cidade: Quais eram? Quando aconteciam? Quais já acabaram e quais ainda permanecem? Quais eram as melhores e faz falta hoje?
- 8 – Sobre a política: quais partidos existiam? Quais eram os preferidos e por quê? Como era a participação do povo? O que era diferente de hoje?
- 9 – Sinta-se à vontade para falar do que desejar...

A equipe de pesquisa agradece a colaboração do entrevistado comprometendo-se em utilizar os dados aqui mencionados apenas para fins acadêmicos.



ENTREVISTA COM O SR. SEVERINO RAMOS DA SILVA

DATA: 26.10.2005

LOCAL: SUA RESIDÊNCIA

Morava nos Quintos (na fazenda do Major Ramiro) e nesse tempo não era como hoje. O Major Ramiro era dono de tudo. De Parelhas a Equador só ele mandava. Não era major do exercito era major porque tinha dinheiro, tinha capangas, tinha tudo.

Certa vez ele mandou uns vaqueiros levarem uma boiada nesse mundo de Souza, Cajazeiras... Nesse tempo não tinha estrada, nem carro, não tinha nada. Aí quando eles vinham voltando de madrugada entre Souza e Cajazeiras, a cavalo passaram dois caboclos bravos velhos e dois novos. Quando viram os cavalos correram todos quatro. Eles correram atrás e pegaram o mais novo, os trouxeram para a fazenda e o major o criou. Depois de grande ele casou com uma negra da cozinha. Daí nasceu meu pai e mais três irmãos.

Ele contava agente que via os escravos. Quando eles quebravam algum objeto de valor deitavam-no num banco, tiravam a roupa e davam lapadas no sujeito de acordo com o valor do objeto. Nesse tempo tinha bules folheados a ouro, facas de prata e ouro.

O meu avô, pai de meu pai se criou calmo, calado, conversando pouco, era sabido. Rezava em bicho com bicheira e com três dias aquele bicho estava bom.

Quando meu pai casou não era mais cativo. Ai agente nasceu. Éramos 24 irmãos, mas morreram 16 e criaram-se oito. Nesse tempo não tinha hospital.

Fomos criados nos quintos (sitio visinho ao nosso município). Eu vim para cá em 1960 e foi quando comecei trabalhar no motor da luz que funcionava a óleo. Ligava de 6 horas e de 10 horas apagava.

Quando José Marcelino foi prefeito o governador era Monsenhor Amâncio Ramalha conseguiu trazer energia para cá do Recife. Nesse tempo a sede era Recife, veio para Paraíba e de lá trouxeram para cá. Quando a energia chegou eu deixei o motor e fui para prefeitura onde me aposentei trabalhei 35 anos e nove meses e me aposentei há seis anos.

Essa igreja que quem fez foi Simão Gomes como você sabe da história. Ele morava na Caraçá, quando apareceu a cólera (1856-1857), uma doença, estava matando o povo. Então ele fez uma promessa que se ninguém da família dele morresse construía uma igreja.

Em 1856 ele marcou o local da igreja. Fez casa casinha onde hoje mora Mariêta que foi a 1ª casa de Equador, para os homens dormirem que trabalhavam na construção da igreja ter onde dormir.

Construiu a igreja construiu cruzeiro. A doença já havia acabado então ele disse "Cumprir minha promessa". Então mandou comprar a imagem de São Sebastião e pos na igreja. É o santo que até hoje é padroeiro do lugar. O sino foi doado por Felix Gomes. Era um grandão de Jardim do Seridó.

Ele fez a promessa, diz a historia e com um ano a doença se acabou. A família dele não foi atingida. Morreu muita gente outros foram enterrados vivos. A pessoa tinha aquele ataque como epilepsia e alguns só tornavam após 24 horas e tinha os que passavam de 24 horas e eram enterrados vivos.

Naquele tempo não havia postos de saúde e hospital só tinha em Natal. Particpei muito da festa de São Sebastião sempre foi ao lado da capela.

O pavilhão da festa de são Sebastião sempre foi ao lado da capela. Rendia muito dinheiro porque vendia muito. Agente pedia comissão nos sítios arrecadando frutas, peru, galinha, bode, milho, batata... Naquele tempo o povo dava demais, muito mais do que hoje.

Cada festa eram duas candidatas para ver quem rendia mais dinheiro. Zé Marcelino que era ricão e Gil de Brito que vinha de Campina Grande com outras candidatas daqui mesmo.

A prefeitura era pobre quase não ajudava, não é como hoje que vem muita verba. Naquele tempo 4 mil réis era a verba do mês.

No carnaval o finado Nicolau saía de casa em casa pedindo as moças aos pais para fazer um bloco. Ele organizava o carnaval. Quando terminava o baile ele ia deixar as moças na casa dos pais. Todo mundo confiava. Ele era responsável.

No São João, onde hoje é a padaria de Teodomiro era o Centro Social tinha baile lá, no comércio, e onde é Francisca de Maria Joana (onde era o banco). Cada lugar desses tinha um forro com fole velho e pandeiro, somente, e era cheio dançando a noite todinha. Lá em seu Mariano tinha as barracas. Lá era mais lorde. Vinha gente de todo canto, de Parelhas. Era de 59 para 60. Eu cheguei aqui em 59 e já tinha essas coisas. Eu trabalhava na luz e ajudava lá em seu comércio e no Centro Social era para esse povo mais pobre que não tinha condição de pagar muito. E eles faziam diferente por isso, mas era cheinho a noite todinha. Hoje se não tiver uma banda ninguém quer.

Noite de festa era rumas de abacaxi. A gente chupava abacaxi a noite todinha com gasosa era guaraná um as garrafinhas. Ai a gente passava a noite todinha com gasosa e dançando nesse baile era forro ninguém falava em baile não.

## ENTREVISTA COM A SENHORA LOURIDES BULÇÃO

DATA: 18.10.2005

LOCAL: SUA RESIDÊNCIA

Nós morávamos no sítio. Depois que meu pai morreu viemos morar na rua. Só tinha eu e minha irmã caçula. Meu pai é do Junco. Ele era delegado daqui depois foi pro Junco. Meu pai era rico, tinha fazenda, gado era fazendeiro. Quando ele morreu deixou dois sítios que ficaram para minha mãe. Esses sítios eram no Junco, mas um tio meu muito sabido, enrolou minha mãe e comprou nossas terras quase de graça, meus irmãos eram novinhos e eu tinha apenas 12 anos minha mãe ficou apenas com a casa de morada aí casou com velho da família dela mesmo.

Naquele tempo as coisas para gente que tinha um pouco de condições era fácil, mas para quem não tinha meu Deus, era muito difícil. Eu morava no coqueiro e estudava no Jacu. Era longe.

Minha mãe ficou viúva de novo aí vendemos o sítio e viemos morar na rua nova. Os meninos já eram grandes, caminhoneiros trabalhavam só para casa. Era só eu e minha mãe em casa.

As festas eram tão boas em mundo. Aqui só tinha missa de mês era uma festa para nós. A missa era de 10. Eu nunca fui uma missão com um vestido duas vezes. Eu tinha um relógio de ouro, ouro mesmo com brilhante.

Quando era festa de padroeiro que agente botava para quebrar. Lá para Campina fazer compras e sapatos, quem podia, só ia eu, Maria Rosendo e Emilia. Nesse tempo as coisas eram muitos difíceis e o povo era muito pobre. Agora eu vejo aqui todo mundo tem sua casinha, mas naquele tempo ninguém tinha nada. O povo vivia desses minérios, eu acho.

Na feira do dia de domingo agente só fazia passear em volta do mercado, nosso lazer. Não tinha nada, tinha pouca gente na rua e dentro do mercado poucos bancos, parece que apenas dois.

Eu casei em 64 com 25 anos.

O bom aqui era o natal. Era falado. Tinha um baile onde é a academia hoje, prédio de seu Mariano, outro no açougue e outro onde é a padaria de Teodomiro. Nós andávamos em todos os bailes o povo fala da mocidade de hoje, mas é a mesma coisa da gente. Nesses três bailes era gente a noite todinha e as sanfonas tocando, Zequinha tocava muito bem. O de seu Mariano era o mais tradicional. Vinha muita gente de fora.

A festa de São Sebastião era muito boa também. Tinha o baile tradicional, rainha, trono, coroa, não era como agora que diz. "fulana é a rainha". Mas não veste de rainha. Agente tinha trono, coroação. Dona Guedinha, Dona Julieta eram as organizadoras. Eram muito organizadas as festas, as barracas. Arainha que arrumasse mais dinheiro que ganhava. Aí fazia o cordão um azul e outro encarnado. Eu ganhei pelo azul.

Agente brigava para arrumar barraca. À noite cada uma tinha sua mesa, seu paraninfo. Agente se reunia lá em Dona Guedinha. Chamava o paraninfo antes da festa para ele colocar dinheiro no envelope da festa. Os paraninfos mais procurados eram seu Marcelino, seu Severino Marcelino, os guardas fiscais... Só esses homens da nata grossa. Procurávamos os homens que tivessem dinheiro.

Para arrumar mais dinheiro tinha as moças que trabalhavam para a rainha. Tinha a bailarina que lia mão, os soldados que prendiam os homens e só soltavam depois que pagassem o correio para mandar telegramas.

Todo mundo cooperava e não faltava nada. Agente passava todo o mês de novembro colocando bandeirinhas nos carros, tirávamos comissão fora. Até os rapazes se interessavam. Vinha gente de Patos, de todas as cidades aqui perto. Todo mundo se sentia muito chique, os homens usavam termo e gravata.

## ENTREVISTA COM A SENHORA CLEONICE AMÉLIA DE OLIVEIRA

DATA: 27.10.2005

LOCAL: SUA RESIDÊNCIA

Cleonice de oliveira nascida 05.12.1931 na comunidade rural denominada cobiçado município de Parelhas. Não conheci meu pai nem mãe. Fui criada por minha avó materna que era viúva. Aos cinco anos fomos morar em Parelhas, pois minha avó casou-se novamente. Foi minha felicidade, pois lá estudei até a 5ª série do primária. Meu sonho era continuar meus estudos, mas naquela época tudo era difícil só existia 2ª grau nos grandes centros como também o ginásio e nos não tínhamos condições financeiras.

Gostava muito de andar de bicicleta, ir festa, namorar e dançar. Era cantora da igreja na época de Monsenhor Amâncio Ramalho. Quando estava com 19 anos o esposo da minha avó veio a falecer. Houve uma celebração dos alunos que concluíram a 5ª série e como eu obtive boas notas fui escolhida para lecionar em Pedra Redonda, zona rural de Parelhas.

Comecei a freqüentar a vila de Equador em 1950. Ficava 18 km e eu vinha e voltava de pé, não existiam transportes nem estradas vicinais somente caminhos e de péssimas qualidades. O transporte da época era burro, cavalo e bicicleta.

Em 1952, casei-me e vim morar em Equador que ainda era vila e pertencia a Parelhas. Tinha como prefeito o Sr. Jacob de Azevedo que residia em Boa vista a 18 km na zona rural. Dessa união tive nove filhos -05 homens e de 04 mulheres.

A vila tinha poucas casas. O lugar mais povoado era a centro. A feira numa latada no meio da rua onde hoje é a praça. Os moradores viviam da agricultura, pecuária e explorava com muitas dificuldades o minério principalmente o caulim que hoje continua sendo explorado. O comercio era muito parado existia apenas um a bodega, uma padaria (de seu Manoel Padeiro) um loja de tecidos (de seu Zé Primo que também era marchante).

Tudo era muito difícil. Quando morria uma pessoa na zona era uma dificuldade para trazê-la para sepultar. Trazia em uma rede e sem ter estradas. Não existia médico tinha um senhor por nome Pontual que receitava remédios do mato como se falava: casca de jatobá, aroeira, marmeleiro, mastruz, juazeiro, cumaru, etc.

Seu Dede Batista era doutor. Consultava, passava remédios, aplicava enjeção encanava braços e pernas com auxilio de caixão de charutos. Em sua residência tinha uma pequena farmácia só com remédios básicos, mas dava para atender sua clientela. Além do ser humano ele dava para ir atender animais; quando não dava para ir a pé ele ia com seu burrinho, mas mão deixava de atender e nem botava dificuldade.

Com a continuação começou a aparecer Dr. Paulo de Jardim do Seridó e Dr. Ulisses de Parelhas, mas isso era em época de política.

A educação funcionava com precariedade. D. Julieta, D. Guedinha e D. Izaura lecionou em suas residências. Em 1960 foi construída as Escolas Reunidas Professora Izabel Ferreira depois a Escola do Padre daí foi surgindo as Escolas da Zona Rural como Quintos e Jacu. Nenhuma escola recebia material nem merenda escolar, nada que desse incentivo ao aluno a freqüentar as aulas.

A Sr. José Marcelino que era paraibano chegou aqui em 1942. Explorava diversos minérios existentes no município: Caulim, tantalita, feldspato, mica, manganês, urano, etc. Foi logo nomeado chefe político que sabia exercer muito bem. Atendia a todos que lhe procurasse, ninguém saia de sua casa sem solução. Quase todo mundo lhe chamava padim Zé ou compadre José.

Os meios de comunicação eram muitos precários. Tinha uma pessoa contratada por Parelhas para deixa as cartas todos os dias. Lá vinha de pé com saquinho de cartas. Também

existia um aparelho chamado sonofone que funcionava como um telefone através de um fio para Parelhas, ainda funcionou 24 anos.

Energia elétrica era motor puxado a carvão. Acendia de 18 horas e apagava às 22 horas. Depois Zé Marcelino conseguiu com senador Jessé um motor a óleo diesel que funcionava até meia noite.

Água tinha um poço na Caiçara a 3 km da sede. Quem tinha animal iam buscar nele e quem não tinha trazia lata na cabeça.

Missa era mês em mês celebrada pelo vigário de parelhas.

A festa do padroeiro em fevereiro. Atendendo o voto de Simão Gomes e padroeiro é São Sebastião. Hoje comemoramos em novembro. Sempre foi muito animada com banda e parques. Existia a disputa de rainhas, era dois partidos, azul e vermelho ou minério e agricultura. Sempre ganhava o azul ou o minério que era os partidos preferidos de Zé Marcelino.

Carnaval e São João sempre foram organizados por Nicolau Bezerra, mas não sei o porquê, nunca foi muito animado.

Natal havia o samba á lamparina de seu Manoel Marcolino e o forro de Mariano. Eram muito concorridos pelas pessoas da zona rural que dançavam até meia noite, hora da missa de galo o mercado publico era lotado de pessoas bebendo capilé.

Fui tesoureira e secretaria da prefeitura municipal no governo de 1º prefeito nomeado, o Sr. José da Costa Cirne Filho em 1963. No governo do Sr. José Marcelino continuei sendo tesoureira e com o surgimento das Escolas Municipais na Zona Rural eu era Secretaria de Educação, coordenadora, supervisora e encarregada da merenda escolar. Vale salientar que nesta época as escolas começaram a receber ajuda dos governadores. Ainda trabalhei 30 anos.

A 1ª televisão chegou na residência do Sr. José Marcelino. Quando era noite ficava cheio de gente assistindo jornal e novelas. (...)

De tudo que resgatei só uma coisa mim deixa saudades, gostava de festas e de dançar e desde a hora que casei nunca mais dancei e festas, vou muito pouco.

Hoje já estou com 73 anos moro na mesma cidade e continuo trabalhando não como tesoureira, mas gosto muito de bordar e conversar com minhas colegas da associação de artesão.

ENTREVISTA COM A SENHORA HONORINA GUEDES DE OLIVEIRA

DATA: 23.04.2006

LOCAL: SUA RESIDÊNCIA

Meu nome é Honorina Guedes de Oliveira na cidade de Jardim do Seridó-RN no dia 12/07/1925.

Estudei no Grupo Escolar Antônio Azevedo e daí eu comecei a 1ª série e terminei na 6ª porque lá o primário tinha 6 anos.

Era muito bom, aprendi muito. Tudo que sei hoje a maioria eu aprendi lá.

Toda vida gostei de trabalhar. Com 14 anos eu tinha uma escolinha em casa e naquela época chamava-se “desasnar os meninos” e as crianças bem pequenas os pais falaram comigo e eu comecei a ensinar. Ensinei muito tempo as crianças e elas bem que aprenderam.

Meu pai e minha mãe eram muito pobres, mas era um pobre que me mantinha na escola em tudo. Fardamento, tudo meu... e eu fazia parte de toda sociedade.

Minha mãe era costureira. Costurava de dia à noite. Meu pai era barbeiro.

Vim morar aqui em 1944. Casei aqui mas demorei muito a casar. Conheci Dedé aqui por dono de farmácia. Tive 3 filhos mas só criei 2, o mais velho que foi um menino e a 3ª que foi a menina.

Vim morar aqui porque a família de minha mãe morava na Boa Vista e era uma propriedade muito boa e minha avó só vivia chamando minha mãe para morar aqui. Ela dizia que ali matava uma criação e podia mandar um pedaço para ela, matava uma galinha e mandava metade para ela e assim por diante. E mesmo papai já era tempo de deixar a profissão porque estava tremendo muito as mãos e o povo tinha medo de tirar barba e cortar cabelo com ele. Aí ele dedicou-se a agricultura e mãe passou a vida toda costurando.

Eu sou filha única. Eu, mamãe e papai, somente nós 3. Aí me ofereceram dois empregos. Um era no correio e o outro era na escola. Eu tive medo de assumir o correio porque era muito pesado, tinha muita coisa para aprender e o da escola eu achava mais fácil. Assumi o da escola. Era a Escola da Casa do Pobre. Eu era professora, diretora, era tudo.

De serviço de comunicação aqui só conheci o correio. Tudo que a gente queria era no correio. Tinha um empregado do correio que fazia a mala e deixava lá (em Parelhas). Não passava ônibus (não sabe como essa pessoa ia à Parelhas). Sei que Equador pertencia a Parelhas.

Naquele tempo as pessoas viviam do minério. Era tudo muito difícil. Se a gente quisesse comprar uma garrafa de manteiga, ou um quilo de queijo, tinha que mandar comprar em Parelhas porque aqui não existia, o comércio era fraco. Era assim, um comércio só, do principal (feijão, arroz, farinha...), mas, as outras coisas melhores... Eu não sei se as pessoas não colocavam as coisas no comércio porque não queriam ou porque não podiam.

A maior festa que tinha antigamente era a de São Sebastião, como é até hoje. A festa de São Sebastião era muito, como se diz... mas as pessoas não sabiam como fazer, assim, como fazer uma festa (refere-se a organização) e quando eu cheguei aqui, comecei a colocar as coisas nas barracas, pavilhão. A barraca era ao redor do pavilhão e o povo dançava. Tinha comida e bebida. A procissão era no dia da festa, isso (o pavilhão) era na véspera. Eram três dias de festa e muita devoção.

Quando eu cheguei aqui, aquela igreja (refere-se à capela) era ladrilhada de tijolo e era muito mal tratada. Só tinha missa de mês em mês e as outras coisas eram muito difíceis.

Quando eu cheguei aqui já tinha a festa do padroeiro. A banda de música tocava para o povo dançar lá no pavilhão e tocava nas barracas. Sempre foi no mês de novembro. Uma vez o padre inventou de fazer no dia 20 de janeiro que é o dia de São Sebastião mas não deu certo.

ENTREVISTA COM O SR. FRANCISCO GUEDES DE SOUZA

DATA: 16.04.2006

LOCAL: SUA RESIDÊNCIA

Eu nasci em 1930 assim reza meus documentos de nascimento, 15 de outubro de 1930. Nasci no município de Santa Luzia PB e hoje é município de Junco do Seridó. Filho de Luzia Adelina da Conceição e José Guedes de Souza. Eu morava em Fundamento, município de Santa Luzia, nasci e me criei lá. Cheguei aqui em Equador depois de passar pela zona do Brejo. Saí de lá com 20 anos. A minha mãe morreu e voltei para o Sertão de Santa Luzia.

Cheguei aqui em 1951. Comecei trabalhar de ajudante de caminhão em armazém carregando e descarregando cargas. Trabalhei oito anos nessa área. Em 1957 me casei às 4hs da tarde na capelinha de São Sebastião, casamento feito pelo Monsenhor Amâncio Ramalho.

Nessa época eu vim me introduzindo com a família. Houve sete filhos. Comecei trabalhar na área de perfuração de poços quando Equador passou a ser cidade. As pessoas trabalhavam no minério, tudo aqui era minério. A produção agrícola era muito pouca; não tinha nem tem. A produção de gêneros alimentícios daqui não dá renda, feijão, milho e mandioca não têm renda. Aqui não tem nenhum proprietário que colha 40 ou 50 sacos de mantimentos. A produção daqui sempre foi minério e continua a mesma coisa, só mudou o dono que antes era Zé Marcelino hoje é Djalma, o genro dele, um homem que vem do Tenório e outro de Campina Grande.

Seu Zé Marcelino foi o 1º dono de decantamento. Era perto de Ubela (situado à Rua Sete de Setembro). Eu trabalhei naquela época na perfuração de poços na administração de Zeca Costa que foi o primeiro prefeito daqui.

Na minha família são 4 mulheres e 1 homem; 10 netos e 1 bisneto.

O comércio aqui era muito bem desenvolvido, nunca parou não. Aqui é uma fonte de riqueza na parte mineral. Todo mundo se arrumou por intermédio do minério. Quem cresceu e multiplicou foi por intermédio de minério. Veio a produção de caulim, a pedra preciosa, a tantalita... Vinha comprador de minério de fora e Seu Zé Marcelino recebia a conga (era uma renda que o vendedor recebia sobre o produto vendido).

Naquele tempo não tinha mercadinhos, tinham bodegas. Eu tinha uma, Oliveira tinha outra, Zé Pedreiro, Dodô, Manoel Alfredo e mais pra frente José Batista. Vendia só feijão, farinha, carne de gado e charque. Não tinha galeto, nesse tempo não existia, ninguém ouvia nem falar. O gado era morto aqui por Zé Primo. Ele matava na Pedra Redonda e trazia para vender aqui. Isso era um sucesso para nós aqui porque a população era pequena aí quando passou a ser cidade...

Fui vereador de 76 a 82. Foram 6 anos de mandato na época de Chico Fumeiro. Os partidos políticos mais antigos eram UDN e PSD, O partido de Seu Zé.

A festa grande daqui sempre foi a de São Sebastião. Também as missões de Frei Damião. Em 1938 quando ele estava celebrando as missões aqui ele fez a previsão de uma grande chuva e olhe que não estava nem preparado para chover e de repente deu uma chuva que encheu os açudes até do Fundamento.

...

(Chega um ex-vereador antigo e o depoente sugere que a entrevista seja realizada com o mesmo alegando este ser mais preparado para os relatos. Agradeço ao colaborador e convido o senhor que foi sugerido a participar da pesquisa. O mesmo fica para dá a resposta depois).

## ENTREVISTA COM A SENHORA CÍCERA ARAÚJO

DATA: 16.04.2006

LOCAL: SUA RESIDÊNCIA

Cícera Araújo nasceu aos 05.08. 1938 em Santa Luzia PB.

Veio para o município em 1944 quando o pai resolveu abandonar a agricultura (morava em Fundamento, município de Santa Luzia) e vir morar em Equador. Chegando aqui, o pai, Severino Guedes, se tornou pequeno comerciante e comprava algodão. Ele gostava muito de política e foi o fundador do PMDB em Equador. Nunca se candidatou, apenas apoiava os candidatos.

As coisas eram muito difíceis, diz a depoente. As pessoas viviam da agricultura e do garimpo. O minerador era Zé Marcelino. Todo mundo se submetia a ele. Nas eleições ele queria controlar o voto das pessoas, pois achava que todos deviam obedecê-lo. O comércio era fraco. As pessoas não tinham emprego. Na prefeitura só empregavam quem eles queriam. Não tinha nem água encanada, tínhamos que ir buscar na Caiçara (Poço de água doce natural que abastece a cidade situado a 2 km da cidade) de galão.

Diz que havia festas no mercado, no centro social, no prédio de Seu Mariano e onde hoje é Francisca (prédio situado no centro da cidade). A festa do padroeiro era muito boa. Tinha muita gente e as pessoas participavam muito. A energia era a carvão e tinha que desligar logo cedo mas quando havia festa desligava mais tarde. No Natal, a missa era celebrada de 12hs pelo Monsenhor Amâncio Ramalho. As festas paravam e as pessoas iam à missa.

Recorda também os tempos de adolescência quando brincava com as colegas. Quando o pai morreu foi muito difícil, pois eram muitos irmãos.

*Observação: A depoente não permitiu a gravação dos relatos e respeitando a opinião da mesma, foram feitas apenas as anotações autorizadas por ela.*



## ENTREVISTA COM A SENHORA LUZINETE DE BRITO GUEDES BRANDÃO

DATA: 15/04/2006

LOCAL: RESIDÊNCIA

A senhora Luzinete de Brito Guedes Brandão nasceu na cidade de Junco do Seridó em 28.01.1956. Professora com 31 anos de profissão, casada e mãe de 3 filhos.

Veio morar no município em 1975. “Meu pai era agricultor e minha mãe ensinava particular em casa. Não se tinha muitas dificuldades porque eu já trabalhava e ajudava meus pais. Existia entre nós muita união, respeito e felicidades, portanto, nossas dificuldades eram logo superadas”.

Já nas outras famílias os homens viviam trabalhando em profissões diferenciadas, as mulheres eram muito caseiras, mas já trabalhavam fora, estudavam, já tinham liberdade. Os jovens gostavam de estudar e o município já trazia Programas de educação como Projeto Minerva Educação para Todos, Mobral, etc.

Nasci dentro de uma escola mas, sinceramente, não queria ser professora pois achava essa profissão muito árdua. Mas, até por falta de opção, quando terminei o 2º grau fui convidada a ensinar o Projeto Minerva – Supletivo de 2º grau e como estava necessitando de um emprego, aceitei e hoje já fazem 31 anos. Aprendi a gostar do que fazia e agora aguardo minha aposentadoria.

Nessa época o comércio já era bem desenvolvido. Vinham bancos de fora, o povo era feliz, todo mundo conseguia viver em paz, tranquilo, não precisava ninguém ficar assustado, não existia espaço para a marginalização, ninguém ouvia falar em assalto, estupro... Conseguia-se viver em paz com a vida.

As mudanças começaram a ser percebidas em todos os aspectos à partir de 1980, quando a população crescia e o desemprego começava a repercutir na vida das famílias. Os jovens terminavam os estudos e o mercado de trabalho continuava sem opção para o povo. Daí tudo foi caminhando numa aceleração muito grande para a marginalização.

As festas verdadeiramente maravilhosas eram: carnaval, São João, Luar de Agosto, Rosa de maio, do Padroeiro, de Debutantes e o Natal. Dessas só permanece carnaval, do Padroeiro e natal.

As festas aconteciam no seu tempo certo e isso as deixavam mais animadas pois o povo já tinha o costume de participar.

As melhores eram o natal e o São João. Era um clima de paz, as pessoas se divertiam com muita naturalidade, respeito... As bandas, as músicas, as vestimentas, o ambiente, enfim, tudo era muito gostoso. Aquele ambiente onde hoje é a nova farmácia promovia muito bem esses eventos. As pessoas vestiam-se caracterizadas, com um sanfoneiro muito afamado chamado Zequinha, ótimos marcadores de quadrilha. O natal era uma festa que o povo se vestia quase a rigor e a confraternização das famílias era uma maravilha.

Na política existiam dois partidos: ARENA e MDB. Antigamente o voto era mais por pessoa. Não se via o partido político. Eu, particularmente, votava em quem meu pai mandava. Existiam divisões, inimizades, baixarias, até pior do que nos nossos dias. O voto não era democrático, e sim voto de cabresto. Em compensação existia mais vergonha e pessoas mais comprometidas.